

PRA COMEÇO DE CONVERSA



A MELHOR COMPANHIA

Michelle Freitas

PRA COMEÇO DE CONVERSA



A MELHOR COMPANHIA

Michelle Freitas

CAMPOS DOS GOYTACAZES


Essentia
EDITORA
IFFLUMINENSE
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F866m Freitas, Michelle.
A melhor companhia [recurso eletrônico] / Michelle Freitas. — Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2020. — (Pra começo de conversa; v. 1)

Livro eletrônico (102 p.)
Modo de acesso: World Wide Web:
<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/livros/issue/view/262>
ISBN 978-65-87500-05-8 (e-book);

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Institutos federais de educação, ciência e tecnologia. I. Título.

CDD 808.899282 23.ed.

Essentia Editora
Rua Coronel Walter Kramer, 357
Parque Santo Antônio
Campos dos Goytacazes/RJ
CEP 28080-565 | Tel.: (22) 2737-5648
essentia@iff.edu.br
www.essentiaeditora.iff.edu.br

Bibliotecário-Documentalista | Henrique Barreiros Alves | CRB-7/ 6326

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Expediente Institucional

Reitor
Jefferson Manhães de Azevedo
Pró-Reitor de Administração
Guilherme Batista Gomes
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas
Aline Naked Chalita Falquer
Pró-Reitor de Ensino
Carlos Artur Carvalho Arêas
Pró-Reitora de Extensão, Cultura, Esporte e Diversidade
Catia Cristina Brito Viana
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
José Augusto Ferreira da Silva
Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação
Pedro de Azevedo Castelo Branco

Conselho Editorial 2018-2020

Cláudia Marcia Alves Ferreira (IFF)
Danielly Cozer Aliprandi (IFF)
Denise Rena Haddad (IFF)
Edson Carlos Nascimento (IFF)
Eldo Campos (UFRJ)
Ferdinanda Fernandes Maia (IFF)
Gunnar Glauco de Cunto Carelli Taets (UFRJ)
Inez Barcellos de Andrade (IFF)
José Augusto Ferreira da Silva (IFF)
Kissila da Conceição Ribeiro (IFF)
Luciano Rezende Moreira (IFF)
Marcos Antônio Cruz Moreira (IFF)
Mária Inês Paes Ferreira (IFF)
Paula Aparecida Martins Borges Bastos (IFF)
Pedro de Azevedo Castelo Branco (IFF)
Raimundo Helio Lopes (IFF)
Renato Barreto de Souza (IFF)
Vicente de Paulo Santos Oliveira (IFF)

Conselho Editorial 2020-2022

Afonso Rangel Garcez de Azevedo (IFF)
Anders Teixeira Gomes (IFF)
Cláudia Marcia Alves Ferreira (IFF)
Danielly Cozer Aliprandi (IFF)
Denise Rena Haddad (IFF)
Eldo Campos (UFRJ)
Erica Nascimento da Silva (IFF)
Gunnar Glauco de Cunto Carelli Taets (UFRJ)
Inez Barcellos de Andrade (IFF)
José Augusto Ferreira da Silva (IFF)
Kissila da Conceição Ribeiro (IFF)
Michele Siqueira Pessanha de Faria (IFF)
Natalia Deus de Oliveira Crespo
Paula Aparecida Martins Borges Bastos (IFF)
Pedro de Azevedo Castelo Branco (IFF)
Raimundo Helio Lopes (IFF)
Renato Barreto de Souza (IFF)
Vicente de Paulo Santos Oliveira (IFF)
Wagner da Silva Terra (IFF)

Equipe Editorial

Editora Executiva da Essentia Editora Cláudia Márcia Alves Ferreira
Comissão de Editores Científicos Inez Barcellos de Andrade
Paula Aparecida Martins Borges Bastos
Raimundo Helio Lopes
Editores Assistentes Ferdinanda Fernandes Maia
Kárin Klem Lima
Lionel Mota Gonçalves
Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets
Revisão de língua portuguesa Edson Carlos Nascimento
Catalogação Henrique Barreiros Alves
Capa/Projeto gráfico/ Ilustrações/Diagramação Lionel Mota Gonçalves

A Dona Penha, minha mãe querida, por ter me ajudado a não desistir do sonho da Escola Técnica Federal de Campos.

E a todas as amigas construídas nos corredores das escolas desse Brasil afora.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PRIMAVERA.....	11
SINAL DE WI-FI	19
TRÊS PONTOS.....	33
HOT DOG	49
CANÇÕES	65
O CONCERTO.....	81

Apresentação

A série “Pra Começo de Conversa”, publicada pela Essentia Editora do Instituto Federal Fluminense, inaugura um novo formato e uma nova linguagem entre as suas publicações científicas. Voltada ao público jovem – estudantes do ensino médio da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) ou até mesmo que tenham interesse em ingressar ou que queiram conhecer um pouco mais sobre esse campo da educação, visa abordar temáticas que possam auxiliar esse público em sua vida acadêmica com todos os encontros e desencontros que ela apresenta.

Com uma linguagem leve, permeada por ilustrações, o leitor é transportado para o universo dos próprios estudantes onde as oportunidades, os desafios e caminhos oferecidos pela Educação Profissional e Tecnológica são, a cada página, apresentados e contextualizados na vida de tantos jovens, a partir de suas diferentes realidades.

Temáticas como o ingresso na EPT, Gênero, Sexualidade, Cidadania, Iniciação Científica, Trabalho, Tolerância, Inclusão, Direitos e Deveres são exemplos que permeiam a série de volumes propostos para esse diálogo com os estudantes, o qual esperamos que seja produtivo e enriquecedor para essa fase da vida pela qual todos passamos e que é tão desafiadora e, ao mesmo tempo, encantadora!

Editores Assistentes

PRIMAVERA

Era primavera. O sol ainda tímido começava a raiar naquele dia bonito do mês de setembro. O ipê-amarelo parecia uma pintura caprichosamente colocada naquela paisagem verde da roça.

Ainda cedinho, por volta das seis da manhã, levantando poeira, lá vinha ele, o ônibus alaranjado e preto que levava a vizinhança para a escola.

Pedro, um garoto de catorze anos, ainda bocejando e com os cabelos arrumados às pressas, vagarosamente se aproximava do ônibus que trazia poeira e mais outros bocejos preguiçosos.

– Bora, garoto! – Dizia o motorista com um olhar apressado, mas feliz por estar ali.

A paisagem empoeirada da janela do ônibus, mostrava lá fora os campos verdes enfeitados com a plantação de café e o barulho perfeito dos pássaros que traziam a boa-nova de cada dia. Dentro do ônibus que balançava um bocado naquelas estradas de chão batido, aquela preguiça boa do amanhecer e a ansiedade de crianças e adolescentes que aos poucos entoavam suas vozes como um coro pouco afinado.

Pedro estudava numa escola municipal da zona rural de uma cidadezinha do interior do Rio de Janeiro.

A primeira aula do dia era de ciências. O professor Machado lotava o quadro com esquemas seguidos de debates que faziam os alunos aos poucos irem despertando daquela preguiça da manhã recém-chegada.

Pedro tinha uma colega chamada Júlia, que era uma das mais inteligentes da classe. A turma dizia que ela com certeza iria para a faculdade e moraria em uma cidade grande quando ficasse mais velha.

Pedro era mais na dele. Não era muito fã de todas as matérias não, mas as aulas de ciências o encantavam. Ele adorava estudar sobre as árvores, entender sobre as plantas. Seu pai era agricultor. Trabalhava duro nas plantações de café. Depois da escola a ajuda do menino era sempre desejada. Sua mãe não era diferente, acordava muito cedo, pois era cozinheira de mão cheia. Fornecia seus quitutes para a padaria do bairro. A broa de milho mais famosa da roça vinha das mãos dela. Tinha gente de outras cidades que, ao passar por ali, não deixava de parar para garantir a broa de fubá com café da região.

Por falar em outras cidades, ao final da aula de ciências, o professor Machado disse que a turma receberia visita.

Pedro e seus colegas com olhares desconfiados pararam para ver o que trazia aquela mulher que nunca tinham visto antes. A mulher vestia uma blusa tipo polo que tinha um pequeno bolso com um símbolo verde e vermelho.

PROCESSO SELETIVO

Para ingressar nos Cursos Técnicos ofertados pelo IFF, os candidatos precisam ser aprovados em processo seletivo específico, realizado semestralmente. Para os cursos de Graduação, existem duas formas: pelo Sisu ou pelo Vestibular. Para os cursos de pós-graduação, os candidatos precisam ser aprovados em processo seletivo específico, realizado anualmente.

– Bom dia, pessoal! Meu nome é Claudia, trabalho no Instituto Federal. **Nossas inscrições estão abertas para diversos cursos técnicos** como agropecuária, meio ambiente, eletrotécnica, edificações, administração, química e informática. Vou deixar para vocês esses panfletos e qualquer dúvida entrem no nosso site ou nos liguem. O endereço e o telefone estão logo aqui atrás. As inscrições vão até o fim do mês. Não percam essa oportunidade!

Pedro olhou para o lado e percebeu que alguns dos seus colegas sabiam do que se tratava e cochichavam entre si. Pedro guardou o folheto na mochila. Curioso para saber o que era aquilo, preferiu deixar pra perguntar a Júlia na hora do intervalo.

A sirene tocou.

– Júlia, Júlia! – Gritou Pedro com passos rápidos atrás da Júlia.

– Oi, Pedro! – Respondeu a menina.

– Aqui... você sabe mais informações sobre aqueles panfletos que ganhamos na sala hoje?

– Sim. Eu já tinha visto aquela moça e uns alunos uma vez lá na praça numa feira de ciências.

– Hum... Você guardou o panfleto que eles deram?

– Sim, claro. Vou pegar as instruções para fazer minha inscrição para estudar lá no Instituto Federal. Quero fazer administração.

– É? Mas dizem que o Instituto Federal é uma escola gigante, né? Ouvi dizer que tem restaurante para os alunos e quadra para vários esportes. Não vou me inscrever não... Meu pai não pode pagar uma escola assim.

– A menina sorriu e o corrigiu:

– Pedro, Pedro, lá é um Instituto Federal. Lá se estuda de graça. Você precisa escolher um curso, fazer a inscrição e ir fazer a prova no dia marcado.

O garoto ia perguntar mais coisa pra Júlia, mas logo ela se juntou ao resto da turma e o menino resolveu deixar para depois.

O sinal tocou e ao voltar para a sala o garoto olhou novamente o panfleto e ficou curioso quando viu que no Instituto tinha o curso de meio ambiente. Logo pensou:

– Aqui perto da roça tem enchente, tem gente que perde a casa, perde a plantação. Meu pai mesmo já se deu mal. Será que esse curso pode me ajudar a resolver alguns problemas?

Após o encerramento das aulas, Pedro correu atrás do professor Machado para pedir mais informações sobre o curso.



– Professor, professor! O senhor sabe alguma coisa sobre esse curso técnico de meio ambiente?

O professor falou:

– Oi, Pedro. O curso é bem interessante. Nele se estuda sobre preservação ambiental, ecossistemas, cuidados com o ambiente. É bem bacana. Você quer fazer a prova pra lá?

– Estou pensando. Quero conversar com minha mãe, mas não sei direito como é. Retrucou.

– Vamos fazer o seguinte: amanhã, no intervalo, você me procura que eu explico melhor. Mas vai lá para não perder o ônibus.

O ônibus alaranjado já estava à espera. Ao chegar a casa, Pedro esquentou a comida carinhosamente preparada pela mãe bem cedinho e em seguida foi para a roça. Todo dia depois da escola Pedro ajudava seu pai na plantação. Sabia que quanto mais bem cuidada fosse, melhor seria lá na frente na colheita. O sol estava brilhando, o calor era grande. Pedro agachado perto de seu pai, no meio daquele cafezal, disse assim:

– Pai, quero estudar no Instituto Federal. Hoje foi uma pessoa lá na escola chamar a gente. Posso estudar lá?

O pai com um semblante triste, disse:

– Filho, lá não é pra gente não. E também preciso da sua ajuda aqui na lavoura...

– Mas, pai, a moça que trabalha lá disse que é de graça. É só fazer a prova. Respondeu o menino.

– Depois você conversa com sua mãe. Eu não sei não. Pega o carrinho de mão lá no canto pro seu pai.

O menino ficou um pouco desapontado, mas ao mesmo tempo conversar com a mãe era um sinal de que a ideia de ir



pro Instituto não era tão do outro mundo. Pedro continuou na roça até o final da tarde. À noite foi fazer o dever de casa da escola. No horário do jantar, estavam todos juntos. Era hábito da família comer na mesma hora à noite. Estavam Pedro, seus pais e seu irmão mais novo. Pedro aproveitou a oportunidade para falar com a mãe:

– Mãe! Falei com o pai que quero fazer a prova do Instituto Federal. Foram lá na escola hoje.

– É mesmo? Mas é barato, filho?

– **É gratuito estudar lá.** Parece que só paga uma taxa para se inscrever. Posso fazer minha inscrição, mãe?

O pai com olhar preocupado falou:

– Helena, eu disse a ele que lá não é pra gente. Como ele vai me ajudar na roça?

ESCOLA GRATUITA
Os cursos do IFF são oferecidos de forma gratuita para a sociedade. Cada tipo de curso – de curta duração para a formação profissionalizante (o que chamamos de Formação Inicial e Continuada), curso técnico, graduação ou pós-graduação – tem um tipo de seleção, como um processo seletivo ou um vestibular, por exemplo.

– Calma, João. Deixa o menino tentar. Estudar lá pode ajudar muito nosso menino. E lá é escola boa. Nem que ele tenha que te ajudar à noite na roça. Mas deixa ele tentar.

O menino com um sorriso acanhado, mas feliz com o apoio da mãe completou:

– Pai, nunca vou deixar de te ajudar. E eu vou pedir ao professor Machado pra me orientar a me inscrever no curso técnico de meio ambiente. Quem sabe no curso eu aprenda alguma coisa nova pra ajudar a gente aqui na roça? Na enchente mesmo a gente perde um monte de coisa. Eles devem explicar sobre isso. Quero tentar...

Após a conversa e o jantar, Pedro aliviado foi dormir contente com o aceite dos pais. No dia seguinte, com a ajuda do professor Machado fez sua inscrição para o curso que queria.

Dois meses se passaram. Era fim de novembro. Naquele domingo era o dia da prova. Pedro ansioso cedinho pegou o ônibus para o Instituto. A escola era numa cidade vizinha. Pedro de olhos arregalados, viu aquele monte de gente na rua da escola.

– Meu Deus! Que multidão!

Como o Instituto Federal ficava no interior, vinha gente de muitas cidades ao entorno. Aquela escola era bem diferente também por isso. Reunia pessoas de muitas histórias, origens e realidades distintas. Pedro estava junto com Júlia que além de inteligente era supercomunicativa. Ainda ali fora, em meio à multidão, puxou assunto com um garoto de blusa listrada verde e preta.

– Muita gente veio fazer a prova, né? – disse Júlia.

– Sim. Só da minha cidade saíram 3 ônibus lotados. Qual o nome de vocês?

– Eu sou a Júlia e esse é meu amigo Pedro.

– Hum. Legal! Eu sou o Robson. Vou fazer prova para eletrotécnica. E vocês?

– Eu farei para administração, disse a menina.

Pedro um pouco tímido disse:

– Eu me inscrevi para meio ambiente.

– É, não estudaremos na mesma sala então. Vocês estão vendo aquele menino negro de óculos escuros ali? Ele fará prova para meio ambiente. Se ele passar, vai estudar com você, Pedro. Vou apresentar ele a vocês. Lucas! Lucas! Chega aí...

– Lucas, estou aqui com dois novos colegas, a Júlia e o Pedro. O Pedro escolheu o mesmo curso que você.

Pedro e Júlia perceberam que Lucas não tirava os óculos. E alguns instantes depois souberam que o Lucas enxergava muito pouco. Ficaram curiosos para entender como o menino faria a prova.

Robson percebendo a curiosidade dos recém-conhecidos, logo tentou esclarecer:

– Lucas conta para eles como você fará sua prova.

– Então gente, minha prova tem o mesmo conteúdo que a de vocês, porém preciso de um programa especial de computador para conseguir ler e responder. Vou fazer numa sala que tem computador. **Tenho apenas 1% da minha visão.**

Pedro e Júlia começaram a entender melhor a situação. Perceberam que o Lucas era superinteligente e independente, além de muito conectado.

Os portões se abriram. Chegava a hora da prova. Logo a multidão se dispersou e os grupos foram se organizando nas salas para fazer a prova.

INCLUSÃO
Inclusão escolar é acolher todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social e condições físicas e psicológicas.

INTERIORIZAÇÃO
A transformação do Cefet Campos em Instituto Federal Fluminense, no ano de 2008, marca um amplo processo de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e do processo de interiorização de suas unidades.

– Tchau, gente. Prazer conhecer vocês. Boa sorte! – disse Robson.

Cada um deles ficou em salas diferentes. A prova começou. Pedro estava bastante concentrado. Sabia o quão importante era aquele momento. Até que não estava achando a prova muito difícil não, mas exigia concentração. Havia uma questão de matemática que precisava achar o valor de X em uma equação. Ele calculou tudo com muito cuidado. Na hora de marcar a opção pensou:

– Caramba! Fiz os cálculos certinhos. Aqui na letra A tem o valor que encontrei para X... Opa! Não! É a letra C, pois a letra A está sem o sinal de menos. Vou prestar mais atenção para não errar de bobeira. Já ia escorregando nessa...



SINAL DE WI-FI

Era janeiro. Um calor gigante. O calor combina com as férias. Júlia e sua família iam viajar para a praia. Seus pais tiraram férias. Para eles era sagrado passar quinze dias naquelas lindas praias da baixada litorânea. Era a melhor parte do mês.

No primeiro dia Júlia estava sentada à beira daquela praia de areia branquinha enfeitada pelas águas cristalinas e azuis, lendo o último livro de sua trilogia predileta. Como era bom o verão! Só aquele cheiro de maresia, o ar puro da beira mar naquele visual, fazia o primeiro mês do ano ser muito especial.

– Picolé! Picolé! – gritou a menina.

– Opa! O rapaz de boné amarelo se aproximou.

– Tem de quê? – perguntou Júlia mexendo na bolsa em busca de uns trocados.

– Morango, amendoim, leite condensado, coco, maracujá, limão, uva, chocolate...

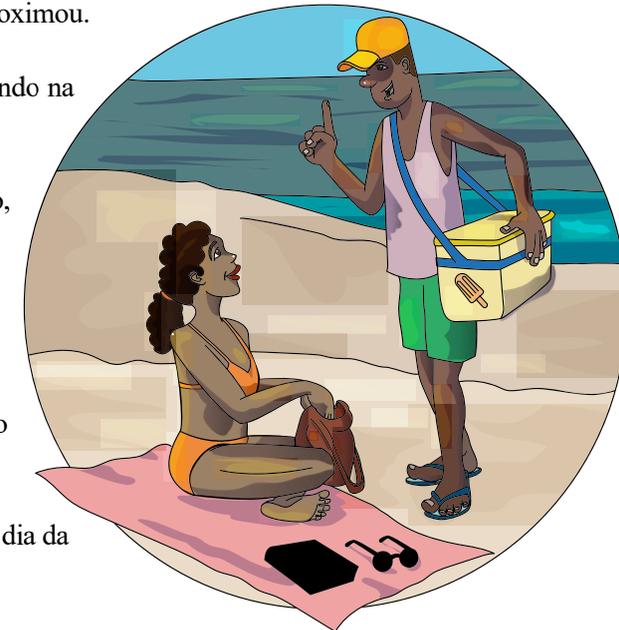
Imediatamente Júlia levantou o rosto e disse:

– Sua voz não é desconhecida. Lembro de você de algum lugar...

– Sim! Sou o Robson. Conversamos no dia da prova do Instituto Federal, lembra?

– Claro! Como você está? Você está morando aqui na praia?

– Então, no verão venho pra cá com meus pais. Meu pai vende o melhor caldo de cana com pastel do mundo. E eu o melhor picolé da praia. Quando o verão acaba, voltamos para casa.



– Legal, Robson! Eu e minha família ficamos aqui nesta primeira quinzena. Bom ver você! Qual picolé você sugere?

– Olha, o de chocolate é especial. Experimenta!

– Ah, sim. Me vê dois. Um para o meu irmão também. Muito bom te reencontrar!

– Também fiquei superfeliz! Demais ver você por aqui! Demais mesmo!... Aqui seu troco. Aparece lá no caldo de cana no fim da tarde. Você vai gostar. Fica na última rua da praia...

– Ah, bacana... quero ir sim... Com certeza vou adorar batermos mais um papo.

Logo em seguida, um garotinho de uns seis anos interrompeu a conversa atrás de um picolé de uva.

– Júlia, preciso ir... Se tiver um tempinho, aparece no caldo de cana. Até mais!

– Até mais, Robson. Bom rever você!

– Igualmente...

O fim da tarde chegou. Júlia estava curiosa para experimentar o caldo de cana com pastel sugerido por Robson, mas não deu. Naquele primeiro dia sua família já havia marcado um encontro no rodízio de pizza com seus tios que também vinham passar férias na praia. Sabe aquelas pizzas levinhas que você não quer parar de comer? E as pizzas doce? Nossa! Sensacionais! E aquela noite foi de um programa em família com muita pizza e guaraná.

A noite passou. Naquele silêncio que só dava permissão para o barulho das ondas, o sol nascia lindamente. Júlia já estava acordada. Pegou o celular. Olhando para a tela após rolar algumas páginas, arregalou os olhos e gritou bem alto:

– Não acredito!!!

O grito foi tão forte que a mãe de Júlia veio correndo:

– O que houve Júlia? São pouco mais que seis da manhã filha e você grita com esse celular na mão?

– Desculpe, mãe. Não me contive. Estou superfeliz! A menina ria e chorava ao mesmo tempo.

– Ahn? Fala menina, está me deixando nervosa.

Nesse meio-tempo, o pai se aproximou com olhar preocupado e também disse:

– O que está havendo, gente?

– Pai, passei! Passei pro Instituto Federal! Vou fazer administração lá!

– Que maravilha, filha! Parabéns! Você é um orgulho pra gente, disse o pai.

A mãe de Júlia com um sorriso orgulhoso no rosto complementou:

– Vou à padaria mais cedo então para fazermos um café da manhã caprichado. Parabéns, filha! Hoje é um dia especial.

Júlia continuou mexendo no celular. Logo pensou: será que Pedro passou? E mexia naquele celular com um olhar curioso.

– Meio ambiente... vamos ver... Bruno, Davi, João Pedro, Luiza, Thiago... Nossa, deixa eu olhar de novo... Ai não... será que Pedro não passou? Caramba... cadê o nome dele? Opa... Lucas... Tem um Lucas aqui para o curso de meio ambiente. Será que é nosso colega que conhecemos? Pera... deixa eu olhar o curso de Eletrotécnica. Que legal tem dois Robsons aqui... será que é o Robson?

A menina continuou a mexer no celular.

– Ah... achei o nome de Pedro.

Com um semblante um pouco triste, viu que Pedro estava na lista dos que teriam que aguardar reclassificação. Logo, Júlia pensou:

– Será que vai dar? Ai, meu Deus! Pedro estava tão animado. Será que ele está no WhatsApp? Será que ele já viu? Preciso falar com meu amigo. Vou mandar uma mensagem para ele.

Logo as horas passaram e Júlia foi para a praia. Pedro ainda não tinha visualizado a mensagem dela. A menina ligou para ele, mas sem sucesso. Sabia que lá onde ele morava era difícil pegar o sinal. Não tinha jeito. Tinha que esperar.

Júlia e sua família foram para a praia. Era um dia especial para a menina apesar de sua preocupação com seu grande amigo. Júlia também queria ver se Robson passava na praia com o picolé para que ela pudesse confirmar se um daqueles Robsons da lista de eletrotécnica era seu amigo recente.

É, mas o que aquele dia tinha de especial, tinha de carga de ansiedade. Júlia não conseguiu ver Robson na praia e nem ao menos falar com Pedro. Que curiosidade!...

Enquanto isso, na roça o sol parecia rachar a cabeça de quem tinha que trabalhar na lavoura. Pedro estava lá ajudando seu pai. O suor escorria de tanto calor. Feliz, o pai exclamou:

– Pedro! Olha que beleza!

– O que foi pai? – disse o menino.

– Estou muito feliz... muito mesmo! Esse ano a lavoura vai ser das boas, filho. Olha ali atrás do morro. O tempo colaborou. A colheita vai ser das melhores!

– Que ótimo, pai! Vai ser sim! Graças a Deus!

Pedro, ao olhar o relógio, viu, além da hora, a data. E gritou:

– Pai, preciso ver se acho sinal. Hoje é dia sete. Saiu o resultado

do Instituto Federal.

O menino pegou a bicicleta que estava no canto e em disparada saiu levantando poeira. Sua mãe olhou de lado ao ver o menino passar como flecha, levantou o rosto e disse pra si mesma:

– Tomara que meu Pedrinho tenha passado, minha Nossa Senhora. Ele quer muito estudar no Instituto.

Atravessando a cidade, Pedro parou a bicicleta em frente a um supermercado.

– Seu Jaime, bom dia!

– O que houve menino? Tá suado feito gente que corre da boiada...

– Seu Jaime, preciso acessar a Internet para ver se passei numa prova que fiz. Posso pedir ao pessoal do escritório ali para olhar no computador para mim? Meu celular está sem internet.

Seu Jaime deu um sorriso, pois sabia que Pedro era um garoto muito esforçado e educado e logo acenou positivamente.

– Vera, deixa o Pedro fazer uma pesquisa aí no computador...

As mãos de Pedro tremiam, estavam suando frio. O coração estava acelerado. Ao digitar o site, os olhos vidrados naquela tela do computador procuravam entre os nomes aprovados, o seu. O sonho não podia acabar se estava apenas começando. Mas com um olhar de desapontamento viu que em frente a seu nome tinha a mensagem “Aguardando Reclassificação”. O garoto ficou abatido. A alegria e empolgação da chegada de bicicleta deram lugar a um rosto triste e de olhar cabisbaixo.

Dona Vera, esposa de seu Jaime, percebeu que algo estranho havia acontecido e logo perguntou:

– O que houve Pedro? Não achou o que queria?

Pedro segurando as lágrimas começou a falar e não aguentando desabou soluçando:

– Não passei pro Instituto Federal não, Dona Vera. Eu queria muito estudar lá. Sonhava em ajudar meu pai porque ia estudar meio ambiente e queria pensar em alguma coisa que ajudasse a ele na lavoura a não ter tanto prejuízo com a enchente. Mas decepcionei ele. Não consegui. No meu nome aparece “Aguardando Reclassificação”.

Dona Vera com um copo d’água para o menino tentou acalmá-lo:

– Calma, como está escrito aí, você precisa aguardar. Ainda tem chance.

– Será Dona Vera? – disse Pedro com o rosto vermelho e marcado por lágrimas.

– Acho que sim. É só você procurar as informações direitinho.

– Dona Vera, muito obrigado. Vou só olhar aqui se minha amiga Júlia passou. Tomara que ela tenha conseguido... Opa, aqui o nome dela no topo da lista do curso de administração. Ela é muito fera. Sabia que conseguiria. Dona Vera, se não for muito, a senhora pode ligar pra Júlia pra mim? Quero dar os parabéns a ela.

– Claro, Pedro. Toma aqui o telefone. Fique à vontade.

Pedro, um pouco mais calmo, ligou para sua grande amiga. Ouvir a voz dela naquele momento seria o maior consolo que podia ter.

– Alô! – disse Júlia.

– Júlia, sou eu, Pedro. Parabéns, Júlia! Vi que você passou pro Instituto.

– Oi, Pedrinho! Sim, passei. E você está na lista de reclassificação, você viu?



– É, não passei, Júlia. Não foi dessa vez. Não sei como contarei lá em casa. Eu coloquei uma expectativa gigante nisso e decepcionei... – Falou o menino com as lágrimas que insistiam em descer.

– Calma, Pedro. Seu nome está entre os primeiros da reclassificação. Isso significa que se alguns poucos não forem fazer a matrícula ou desistirem, você ganha a vaga. Vamos aguardar, meu amigo, ainda há esperança.

– Mas quem vai ser doido de desistir, Júlia?

– Pedro, tem que aguardar. Todo ano tem pessoas que passam na reclassificação. Calma. Vou vigiar tudo para você. Onde você está? Não conheço esse número e você ainda não recebeu minha mensagem de WhatsApp.



– Tô no supermercado de Seu Jaime, o celular de mãe está sem crédito e o meu está sem internet. Lá em casa você sabe que o sinal também é ruim.

– Então, amigo. Eu vou vigiar tudo para você e assim que tiver novidades, eu falo. Estou na praia, mas daqui a alguns dias estarei aí e nos veremos. Fique bem, meu Pedrinho! Nada de tristeza, viu?

– Obrigada, Júlia. Parabéns de novo! Você merece! A gente se fala... Tchau. Beijo.

– Beijo, amigo.

Pedro agradeceu a Dona Vera e a seu Jaime, e agora com sua bicicleta um pouco mais devagar voltou para casa. Chegando lá foi para o quarto, caiu sobre a cama e escondendo o rosto com o travesseiro deixou suas lágrimas remanescentes caírem. Sua mãe, que pelo olhar já tinha entendido tudo, carinhosamente lhe fez um afago nos cabelos e o abraçou dizendo:

– Se não foi dessa vez, meu filho, é que não era para ser agora. Para mim você sempre será meu orgulho...

Enquanto isso, anoitecia na praia. Robson estava na barraca de caldo de cana com pastel, pois aos poucos a clientela chegava. Ao olhar para o lado viu Júlia e seus familiares se aproximando. Logo o menino exclamou:

– Que coisa boa! Vocês vieram! Sentem aqui, por favor.

A menina, feliz pela acolhida, acomodou-se com seus pais e irmão. Fizeram o pedido e repararam que a barraca deles era realmente especial, pois logo todas as mesinhas disponíveis passaram a estar ocupadas. Em meio àquela correria ali para atender a todos, quando Robson se aproximou, Júlia aproveitou

para perguntar se ele havia visto o resultado da prova. Ele acenou que ainda não tinha dado tempo devido àquela correria toda e aproveitou para pedir que a menina olhasse.

– Qual seu sobrenome?

– Robson Chaves. Veja pra mim, Júlia. Estou curioso...

Júlia localizou o nome e logo mostrou o celular ao menino que no meio da barraca gritou bem alto:

– Passei, galera! Passei! Não acredito!!! Júlia, vamos estudar no Instituto Federal, menina! Arrebentamos!

E assim aquela noite terminou. O barulho das ondas ao fundo, o pastel e caldo de cana deliciosos e feitos com todo orgulho pelos pais de Robson que muito se alegraram com a conquista do menino. Um dia especial para eles também.

Alguns dias se passaram. A temporada na praia já havia finalizado para a família de Júlia. A menina, sempre muito conectada e prestativa, estava atenta à situação de Pedro, pois ela já estava matriculada, mas sabia que sua alegria seria ainda maior depois que Pedro também conseguisse.

Júlia se comunicava com Pedro por mensagens de aplicativo que chegavam a ele quando ele estava no supermercado de Sr. Jaime. Depois daquele dia que Pedro pediu para usar a Internet do escritório, dona Vera passou a senha do wi-fi ao menino. Mas como o supermercado não era tão perto, Júlia sabia que nem sempre conseguiria notícias do amigo instantaneamente. No trabalho de vigiar o site para Pedro, Júlia finalmente deu seu grito por ele:

– Deu certo! Deu certo! Pedrinho também conseguiu! Gritou a menina ao ver o nome do amigo na lista dos convocados para a matrícula.

Agora foi a vez de Júlia pegar sua bicicleta para ir à casa de Pedro. O menino precisava saber e preparar seus documentos para a matrícula. Não podia perder aquela oportunidade.

Com os cabelos esvoaçantes naquela bicicleta que trazia uma garota superansiosa, Júlia chegou ao portão da casa de Pedro. O cachorro, chamado Duque, logo veio como anfitrião. Parecia não ter ninguém em casa. Era fim de tarde. A vizinha, vendo os gritos da menina, supôs que a família estivesse na igreja. Júlia pegou a bicicleta e partiu pra igreja que era próxima dali. O cachorro Duque saiu por uma abertura da cerca e foi atrás da menina.

Chegando à igreja estavam todos lá. Júlia ficou quietinha da porta observando e também aproveitando para agradecer a Deus pela notícia que trazia. Alguns minutos depois, a missa acabou e o menino vinha com a família. Ao avistar a amiga, correu e lhe deu um abraço apertado.

– Júlia, quanto tempo! Saudade de você! Gente, o que o Duque veio fazer aqui?

A menina respondeu com um grande sorriso no rosto:



– Amigo, Duque e eu viemos aqui mostrar a você esse papel. Acessou a internet hoje?

– Não. Hoje não deu tempo de ir ao seu Jaime. O que é esse papel?

A menina disse:

– Leia....

– Não, não acredito que é o que estou pensando?

– Olha menino! Lá no finalzinho da página....

Ali mesmo na frente da igreja o menino ajoelhou e olhando para os céus começou a dizer chorando:

– Obrigado meu Deus! Obrigado meu Deus!

E foi uma alegria só. A mãe de Pedro também não se segurou e derramou lágrimas, o pai e o irmão mais novo abraçaram o menino e até o Duque parecia ter entendido o momento especial e não parava de abanar o rabo e se virar mostrando a barriga pedindo para participar daquele momento único.

Algumas poucas semanas se passaram. As aulas iam começar.

Naquele primeiro dia de aula, Júlia, Pedro e Robson estavam felizes demais por estarem naquela escola. Logo cedo, avistaram o Lucas, o amigo que conheceram na fila do dia da prova.

Aquele lugar era encantador. Os professores apresentaram os laboratórios. Lindos. Pedro logo avistou os microscópios. Lembrou na hora do professor Machado que fazia das aulas de ciências um encanto. Imagina poder usar aqueles microscópios?

A Júlia que sempre gostou de ler, ficou encantada com a biblioteca. Era realmente muito organizada. Júlia ia se perder lá dentro com tantas opções de livros.

Os estudantes foram apresentados também à área esportiva. Robson logo disse:

– Nossa, olha aquela tabela de basquete ali. Nossa! Novinha!

Pedro o indagou:

– Você joga basquete?

– Eu brinco na pracinha perto de casa com meus vizinhos. Você curte, Pedro?

– Cara, meu pai ia jogar fora um aro velho e eu improvisei uma cesta lá na roça. Às vezes jogo lá. Mas numa quadra assim nunca joguei. Acho que não acerto nada...

E aos poucos os novos alunos foram conhecendo a escola. Estavam todos muito empolgados. Júlia, superatenta a tudo, logo deu um “cutuque” em Pedro. Estavam numa palestra com o pessoal da direção da escola. Eles explicavam que ali tinha psicólogo, assistente social, pedagogo e toda uma equipe para dar melhor atenção aos alunos. O “cutuque” em Pedro veio quando na fala da assistente social foi dito que ali os alunos podiam ganhar um apoio para ajudá-los nos estudos por meio de uma bolsa.

– Pedro, presta atenção! Olha o que ela está falando... Pelo que estou entendendo, você deve se inscrever.

E o dia das apresentações continuava. Logo depois da palestra um grupo de música composto por alunos se apresentou.

– Robson, ouça... Que violão bem dedilhado! Ouve isso... é homem ou mulher que está tocando? Daqui não consigo identificar.
– Perguntou Lucas.

– É uma menina. Não entendo nada de música, mas acho que ela manda bem mesmo.

– Sim. Perfeito. Muito bem.

– Você sabe tocar, Lucas?

– Cara, eu amo. Toco violão, piano e baixo.

– Sério? Que massa, cara!

Coincidência ou não, após a apresentação do grupo de alunos, o diretor informou que eles estavam organizando um show de calouros para que os alunos recém-chegados participassem. Quem tocasse algum instrumento ou cantasse devia procurar a professora Bia e se inscrever. A apresentação seria no dia seguinte. Imediatamente Robson falou:

– Lucas, você vai se inscrever, cara.

– Ahn? Tenho um pouco de vergonha. Mas tocar eu toco, tem que arrumar alguém pra cantar porque isso nem pensar.

Robson comentou com Júlia – que já tinha feito amizade com um monte de gente – e logo disse:

– Gente, Lucas vai tocar? Sensacional! A Lia canta. Aquela ruivinha ali, ó... Ela canta pra caramba.

– Como você sabe? – Disse Pedro.

– Ela me disse que canta com os pais no coral de fim de ano. Vamos perguntar se ela topa se apresentar.

E assim foi. Mais uma amiga se integrou ao grupo. Lia era do curso de informática. Logo aceitou se inscrever para o show de calouros. Combinou com Lucas que cantariam uma música mais leve que combinava com sua voz. E Lucas, que havia dito que não cantaria jamais, estava apenas escondendo o jogo. Ia tocar e cantar com Lia.

Após o primeiro dia de aula cheio de novidades, era hora de pegar o ônibus e voltar para casa.

Pedro na hora do jantar, falou em casa como foi seu dia, como eram os laboratórios, a quadra, a biblioteca. Também logo disse a mãe que precisava de alguns documentos para concorrer à bolsa que poderia dar uma boa ajuda a eles.

– Sim, mãe. Tivemos uma palestra e lá a moça disse que, para famílias que não ganham tanto, o aluno pode ter um apoio. Pelo que entendi é um valor para ajudar nos estudos.

– Mas lá não é de graça, filho?

– Sim, mas esse dinheiro pode ajudar a dar condições pra gente estudar em casa, não passar muito aperto que atrapalhe nas aulas. Na hora eu pensei em ajudar você a pagar a luz que às vezes atrasa e ficamos alguns dias sem aqui. Dá pra comprar

material escolar também, mãe. Separa os documentos pra mim? É essa listinha aqui...

Pedro foi dormir ansioso, assim como seus amigos. Aquela escola era muito diferente. Estudar numa escola de ensino profissional e tecnológico era encantador, mas também um desafio. O diretor disse que ali se estudaria as matérias de matemática, português, ciências, mas também tinham as matérias específicas do curso. Falou que era preciso muita responsabilidade e comprometimento dos alunos para dar conta de tudo.

CULTURA
O IFF propõe uma formação integral e cidadã, que vai além dos saberes e conhecimentos das disciplinas de um determinado curso. Dentro da concepção da formação integral e cidadã, a cultura é um importante vetor para a trajetória da formação do estudante e para uma aproximação do IFF com a sociedade.

No dia seguinte, os alunos conheciam mais funcionários, os laboratórios de cada curso, os laboratórios de informática, o refeitório. Era uma escola gigante.

E para terminar o segundo dia, era a hora do **show dos calouros**. Quando a professora chamou Lucas e Lia, Júlia, Pedro e Robson batiam muitas palmas. Logo, logo os demais alunos também. Lia cantava demais, quando os dois cantaram o refrão juntos, a galera toda do auditório acompanhou. Mas se a Lia cantava bem, o Lucas era genial. A pouca visão não atrapalhava em nada. Os óculos escuros tiravam a timidez dele. Quando ele fez um solo no violão, a plateia percebeu seu talento além da conta. Deu para perceber que aquela escola também servia para revelar talentos. Ali com certeza havia dois.

E assim passou a primeira semana de aula, o que fez os alunos perceberem que não seria moleza. O Instituto tinha muitas oportunidades, mas vinham acompanhadas de muitas responsabilidades. Era um lugar que motivava os alunos a sonharem, mas também mostrava que para chegar ao sonho, o caminho a ser seguido seria árduo. Mas os estudantes estavam dispostos a enfrentar os desafios. Estrada que segue...

TRÊS PONTOS

Naquela manhã o quadro branco estava todo colorido com gráficos caprichosamente desenhados pelo professor de Matemática que dizia:

– Notem que o gráfico da função tem a parábola voltada para cima porque...

Pedro olhava para o lado e via que estavam todos atentos. Ele nunca foi muito fã de matemática. Dentro dele às vezes batia uma angústia. Aquela vergonha de admitir que não estava tudo muito claro para ele. Olhava para os colegas da turma e percebia que todos estavam atentos e pensava:

– Será que só eu estou achando difícil? Esse povo da turma é muito inteligente. Para mim isso parece nada simples.

No intervalo, Robson encontrou Lucas e Pedro no corredor e gritou:

– Gente, o lanche está maravilhoso hoje. Já pegaram o de vocês?

Pedro, preocupado com a prova de matemática que estava próxima, não mostrou ânimo e permaneceu quieto pensando nas parábolas.

– Que bicho te pegou Pedro? Tá com uma cara esquisita... Eu, hein? Fala, o que tá pegando?

– Eu tô chateado. Fico viajando nas aulas de matemática. Tá osso. E a prova está próxima. Tô muito preocupado.

– Bora estudar todo mundo junto. A gente marca um ou dois encontros em alguma tarde livre. A gente resolve isso, cara. Eu também não sou o melhor em matemática não. Júlia deve nos



ESPORTES
O IFF propõe uma formação integral e cidadã para o estudante, que vai além dos saberes e conhecimentos das disciplinas de um determinado curso. Dentro da concepção da formação integral e cidadã, os esportes são importante vetor para a trajetória de formação do estudante.

ajudar. Podemos pedir a ela. Falando nela, olha ela chegando aí...

Júlia se aproximou deles e com seu sorriso acolhedor e simpático como sempre cumprimentou a todos e deu uma ajeitada no cabelo de Robson comentando:

– Vocês viram que vai ter **Jogos Estudantis**? Vai ter a etapa regional e se o time classificar, poderá jogar o campeonato nacional entre os Institutos. Robson e Pedro, porque vocês não tentam entrar no time de basquete? Os professores de Educação Física abriram inscrição, vocês viram?

– Vamos, Pedro? Vai ser “top”, cara!

Pedro disse:

– Pô, deve ser sensacional! Vamos!

Os treinamentos começaram. Toda sexta-feira à tarde era a hora dos treinos de basquete. Era um horário que passava voando. No primeiro treino a professora organizou a equipe de acordo com a afinidade de cada integrante.

– Pedro, como você é um pouco mais baixo, mas tem bastante agilidade, jogará como armador. Robson, você vai ser aquele cara que vai jogar pelos lados da quadra. Vamos aproveitar essa sua altura e treinarmos os arremessos de 3 pontos. – Disse a professora.

O treino era muito divertido. Ali os alunos conheciam o pessoal de outras turmas, havia uma integração com a galera que ficava na torcida, era realmente um momento muito animado. Tinham dois professores de Educação Física, a Carla e o Saulo. Eles eram superprestativos. Sempre reservavam os últimos minutos dos treinos para saber como cada aluno estava, entender a realidade de cada um e dar aquela motivada.

– Por hoje é só galera! Muito bom, hein? Olha, lembrem-se de passar a bola, observar as melhores oportunidades. O time ganha

no trabalho coletivo. Um passe certo pode trazer o arremesso que culmine na cesta da vitória. – Dizia a professora Carla.

No final do terceiro dia de treino os professores pediram que Pedro ficasse mais um pouco para um bate-papo reservado.

– Pedro, você está jogando direitinho, mas sinto que seu olhar está um pouco distante. O que está havendo? – Disse a professora Carla.

– Não é nada demais, não, professora. Estou mesmo um pouco preocupado com a matemática que está pegando para mim, mas vou superar.

– Tem certeza que é só isso mesmo, Pedro? – Insistiu a professora.

– Sim. É sim, professora.

– Se precisar conversar ou quiser alguma ajuda, avise a gente, ok? Eu e o Saulo estamos aqui para ajudar no que for preciso.

O menino agradeceu, se arrumou e seguiu para o ponto de ônibus. Júlia, de lá, gritou:

– Corre, Pedro, o ônibus está chegando!

E naquele fim de tarde lindo de sexta-feira, com um sol caprichosamente se despedindo do dia num céu maravilhoso em tons de rosa, Pedro e Júlia que moravam na mesma cidade pegaram o ônibus e foram para casa.

Júlia comentou com Pedro o quanto estava achando o treino divertido. Ela disse:

– Você e Robson estão jogando muito direitinho. Eu sei que ganhar a regional não será fácil, mas está muito bacana de ver.

Pedro respondeu:

– Sim. Treinar no time da escola é muito maneiro. Eu acho que nosso time terá pouco tempo de treino até a etapa classificatória, mas fico muito animado de poder participar. O Robson está mandando bem, até cesta de três ele está arriscando. É muito emocionante poder jogar.

– Quando será a primeira partida?

– Será daqui a quinze dias. Se ganharmos, nos classificaremos para a final da regional que será em outro campus do Instituto. Doido para chegar esse dia. Vou descer. Bom fim de semana, Júlia!

– Bom fim de semana, Pedrinho! Se cuida!

Ao chegar a casa, logo a hora disparou e chegou o momento do jantar. Pedro e sua família estavam juntos para mais uma refeição. Seu João com um olhar cansado, disse:

– Pedro, vamos ter que trabalhar firme nesse fim de semana. Tem muito serviço acumulado na lavoura. Essa história de não poder contar com você todos os dias está embolando tudo.

– Calma, João. O menino vai dar conta. Tenho certeza. – Disse, com o olhar carinhoso de mãe, Dona Helena, sempre muito atenciosa, perguntando ao menino como estava a escola.

Pedro, diante de tantas tarefas da roça e mais a rotina da escola, tentou disfarçar a preocupação e respondeu com um sorriso meio amarelado:

– Vai dar tudo certo, pai. Conte comigo! A escola é muito bacana. Vocês acreditam que semana passada vi pela primeira vez vários insetos no microscópio? Vi tipos de folhas. É um mundo que a gente sabe que existe, mas poder olhar de tão perto é algo que a gente nem imagina. E a outra coisa muito legal são os treinos de basquete. Como não sou tão alto, estou na armação do time. É muito bom!

O pai com olhar mais sério comentou:

– Sei que está adorando a escola, mas vamos guardar energia também para a roça. O café está nos esperando.

Mais uma vez a mãe pediu paciência ao pai. E olhando para o menino percebeu como era complicado conciliar as atividades com os compromissos da lavoura. O ideal era o menino apenas estudar, mas isso estava fora de cogitação para a realidade daquela família.

Após trabalhar o sábado inteiro na roça, Pedro foi na pracinha para um lanche com Júlia. Não era todo dia que Pedro podia sair de casa para lanche, mas tinha conseguido alguns trocados.

– Pedro. Te conheço bem. Tenho percebido uma tristeza em seu olhar. Conta pra mim. O que tem de errado?



Pedro não sabia como Júlia tinha uma incrível capacidade de ler seus pensamentos e de acalmá-lo com sua voz doce e suave. Aquela menina usava as palavras certas que a tornavam ainda mais especial. Pedro, sem querer preocupar sua melhor amiga, disse:

– Não é nada demais não, Júlia. Eu que ando muito preocupado com a matemática.

Júlia sabia que o problema ali ia além da matemática, até porque com estudos em grupo e um pouco mais de dedicação, Pedro conseguiria superar as dificuldades. Com sua discricção, mas ao mesmo tempo querendo ajudar, falou:

– Calma, Pedro. Vamos estudar juntos. Apesar de sermos de cursos diferentes muitos conteúdos se assemelham. Se quiser, estudo com você no fim de semana. Sei que o meio de semana está apertado.

Pedro com o sorriso de quem sabia que não estava sozinho, sentiu aquele conforto de uma amizade que estava ali para enfrentar o que viesse. A Júlia era muito especial para ele. Com um sorriso tímido no rosto e um coração mais aliviado, respondeu:

– Ô Júlia, você é muito do bem mesmo. Desde o dia do resultado da prova até mesmo agora que já estamos no Instituto, você está sempre atenta. Sempre alerta a tudo. Obrigado, viu? Mas, mudando de assunto, vamos pedir esse cachorro-quente? O meu vai ser completão...

E assim a noite ficou mais tranquila para Pedro que estava angustiado quando chegou ali. A companhia de sua amiga, a pracinha da cidade com o coreto e a igreja ao fundo, as crianças correndo pra lá e pra cá, gente fazendo lanche, gente se juntando na frente de casa para jogar conversa fora, grupo de amigos tocando violão e fazendo cantoria... Traços típicos da vida do interior cheia de simplicidade e que traz ao momento um gosto único de ficar feliz com coisas simples.

Logo o fim de semana passou. Na escola o ritmo de estudos era intenso e a ansiedade para o regional também. Além do time de basquete, havia inscrições para esportes individuais. Júlia não quis participar. Segundo ela, não tinha jeito para competições. Lia estava representando a mulherada na corrida de 200 metros. Os treinos de basquete estavam a todo vapor. O primeiro jogo seria na próxima semana. Ô ansiedade!

Chegou o primeiro dia do jogo de basquete. A escola estava agitada. A galera se reuniu em volta da quadra para assistir. Os professores Saulo e Carla estavam por lá. As equipes uniformizadas em quadra. Júlia, Lia e Lucas estavam aglomerados na torcida. Seus amigos Robson e Pedro precisavam da força deles ali.

Início de partida. O time adversário que veio de um campus do Instituto de uma cidade vizinha, jogava muito bem. A primeira bola de ataque foi deles. O time chegou perto do garrafão, se infiltrou e... cesta! O time de Pedro e Robson também era bom, mas dava para perceber o nítido nervosismo.

– Bora, Pedro! Bora, Robson! – gritava Júlia.

– Gente, Pedro é ágil. Roubou a bola e partiu com muita rapidez para o ataque. Vai!!! – gritava Lia.

O time chegava ao ataque, mas na hora de arremessar, a bola batia na cesta e não entrava. Com certeza era o nervosismo. O semblante dos professores de educação física era um pouco tenso também. Aquela partida tinha tudo para ser um jogo duríssimo.

Logo veio o primeiro intervalo. Estava nada mais, nada menos que 15 a 5 para o time adversário. Com serenidade e tranquilidade, o professor Saulo chamou os meninos e disse:

– Meninos, vocês não têm obrigação de ganhar. Estou percebendo que essa ideia está na cabeça de vocês. O que vocês precisam é acreditar no espírito de equipe. Vocês estão

ansiosos. Chegam ao ataque e não concluem porque não estão olhando ao redor, não estão observando os melhores passes que devem ser dados. Vocês não precisam provar nada para ninguém. Mas conheço o potencial de vocês. Estão perdendo para vocês mesmos. Vamos nos concentrar? Vamos juntar as mãos de todos aqui!

– À frente e adiante! Time, vamos lá! Avante! Assim entoaram o grito de apoio que treinaram.

O esporte ensina muito. As palavras do professor fizeram grande diferença para o time. Logo na primeira jogada, Pedro roubou a bola e avançou ao ataque fazendo um passe certinho para Robson que completou a cesta. A cada ponto, a gritaria ao redor da quadra tinha a força suficiente para atravessar a cidade.

O jogo continuava. O outro time não era bobo não, mas ponto a ponto, jogada a jogada, o time da casa foi tirando a vantagem que parecia ser impossível de alcançar no início do jogo. O tempo voou.

No último intervalo do jogo, Lia, Lucas e Júlia se aproximaram dos meninos e fizeram sinal de encorajamento e confiança para eles. Lucas, mesmo com sua baixíssima visão, acompanhava o jogo pelos gritos eufóricos da torcida e pela narração carinhosa de suas amigas.

O último tempo começou. O jogo estava quente. A cada ataque, a diferença era tirada. Faltando dois minutos para o final do jogo, o placar estava 39 a 37. Opa! Falta a favor do time da casa. Robson tinha dois lances livres. O menino olhou para Pedro e disse:

– Estou nervoso. Mas vou tentar...

A primeira bola foi convertida. Gritos da torcida. Faltava apenas um ponto para o empate. No segundo lance livre, a bola rodopiou na cesta e caiu para fora. A torcida gritava. Que nervosismo! Pedro passou correndo e gritou:

– Vamos recuperar essa bola e virar o jogo... calma Robson!

Faltavam poucos segundos para o jogo acabar e a diferença era de um ponto. Pedro, como um papa-léguas, correu tanto a ponto de conseguir atrapalhar o ataque adversário. A bola era de novo deles. Segura que a adrenalina é grande!

E faltando uns quinze segundos para o fim da partida, a bola nas mãos de Pedro estava. O garoto avançou para bem próximo do garrafão e passou a bola para Robson. Era a bola do jogo. Com sua altura, Robson aproximou-se da cesta e pronto, dois pontos feitos. Agora era segurar o ataque adversário.

A torcida gritava. Os professores também. A treinadora Carla dizia:

– Marca todo mundo, não deixa o ataque deles avançar!

E assim foi. O juiz apitou. E por um único ponto de diferença o time da casa estava classificado para a final da regional. Parece simples, mas uma mistura de sentimentos estava naquela quadra. Júlia, Lia e Lucas logo se achegaram aos amigos e numa roda cheia de pulos e abraços soltavam gritos repletos de euforia. A professora Carla e o professor Saulo, sempre muito parceiros dos alunos quiseram esconder o choro, mas a emoção tomou conta deles. Cumprimentos e respeito aos adversários, aquele capítulo dos jogos estudantis terminou com vitória para o time da casa e uma lição para todos.

Passada a euforia do momento, o grupo de amigos estava reunido no ponto de ônibus. Robson logo disse:

– Gente, foi uma das maiores emoções que já senti na vida. Mas é uma adrenalina tão grande que não tem como explicar. Estou muito feliz!

Os ônibus chegaram e cada um foi para suas casas.

No ônibus, Júlia aproveitou e perguntou a Pedro sobre sua inscrição para bolsa de assistência estudantil.

– Pedro, sei que já ficou ansioso pelo jogo, mas vou te lembrar de outra coisa que te deixará curioso. Está lembrando que ao final do mês sai o resultado das bolsas?

– Sim. Esse mês será muito importante. O jogo, a prova de matemática, o resultado das bolsas. Imagine meu coração, Júlia?

Ao chegar à casa Pedro logo avistou o cachorrinho Duque. Percebendo a alegria do dono, Duque dava cambalhotas seguidas virando a barriga para um carinho do menino que entendendo o pedido imediatamente sorriu e o encheu de afagos.

– Ah, Duque! Como você percebe meus sentimentos, garoto?! Você sabe que estou superfeliz. Foi um dia daqueles...

Lá de dentro, Dona Helena gritou:

– E aí Pedro, qual o resultado do jogo?

– Ganhamos mãe! Foi megadifícil, mas você acredita que vencemos por um pontinho de diferença? E mãe, eu dei o passe para a última cesta que meu amigo Robson converteu. Imagina a tensão? Mas foi muito legal. Sexta-feira que vem é a final em outra cidade onde tem um ginásio gigante. Preciso que a senhora ou o pai assinem minha autorização para viajar. Quinta tem o último treino.

– Ué, mas os treinos não são às sextas, Pedro?

– Sim, mas como o jogo é sexta teremos que antecipar o treino.

– Você vai precisar ficar até tarde na escola dois dias seguidos? Dois dias sem ajudar seu pai? Isso me preocupa...

Pedro com o olhar cabisbaixo ficou triste, mas sua mãe sempre carinhosa, olhou para o menino e pediu para esperar um pouco mais antes de falar com o pai. Dona Helena certamente prepararia o terreno primeiro.

O final de semana veio. Pedro trabalhou na lavoura para ajudar ao pai. Sabia que quanto mais adiantasse as coisas, menos problema teria para o treino e o jogo da semana seguinte.

O tempo passou. Era quarta-feira. Era hora do jantar. Pedro tinha que contar ao pai sobre a necessidade de treinar na quinta e sobre o jogo de sexta-feira. A coragem veio e o menino falou:

– Pai, o jogo da final da regional é sexta-feira. Mas preciso que o senhor deixe eu faltar ao trabalho na lavoura de quinta, porque será o último treino do time. Tem como?

O pai respirou fundo e disse:

– Pedro, você sabe que não posso trabalhar sozinho. A decisão é sua. Estamos muito apertados. Enquanto a nova colheita não chega, estamos passando aperto. Você sabe disso. Fico alegre de ver você feliz na escola, mas a realidade nossa é bem diferente de muitos colegas seus. Você sabe bem.

Pedro, um filho supereducado, apenas respondeu:

– Entendo.

Ao terminar o jantar logo foi dormir. E claro, no escuro do quarto as lágrimas caíam instantaneamente. Seu irmão mais novo tentou o consolar dizendo:

– Pedro, você só pode ir um dia. Falte o treino de quinta e peça para ir ao jogo de sexta-feira.

Pedro respondeu:

– Você está me vendo chorar no escuro?

– Claro que não. Estou só percebendo por seu nariz todo entupido. Mas é sério, fale com a mãe e o pai. Um dia só eles deixarão.

E a quinta-feira chegou. Os professores Saulo e Carla estavam na quadra. Era o último treino que antecedia à grande final da regional. O time que ganhasse teria a chance de disputar jogos com Institutos do Brasil inteiro. Isso seria espetacular.

– Robson, cadê Pedro? – Perguntou a professora Carla.

– Eu não sei. Ele nunca se atrasa. Mas, peraí...

O menino aproximou-se de Júlia que estava ali e disse:

– Você viu Pedro? Cadê ele? O treino vai começar.

Júlia respondeu:

– Gente, achei que ele estivesse vindo. Vou procurá-lo.

A menina a passos largos e rápidos procurou Pedro em todos os cantos da escola. E nada. Resolveu ligar para ele. Fora de área. Júlia sabia que perto da casa do menino o celular não tinha sinal. Como o conhecia bem, sabia que fora para casa. Avisou a Robson que Pedro foi embora e aproveitou para ir também saber o que tinha ocorrido.

Júlia pegou o ônibus e parou alguns pontos antes de sua casa para tentar saber notícias do amigo. Chegando à casa de Pedro, encontrou Dona Helena.

– Dona Helena, cadê Pedro?

– Oi, minha filha. Está na roça com o pai. Mas lá não tem luz. Daqui a pouquinho eles chegam. Quer esperar e comer uma broa com café?

– Ah, aceito sim, Dona Helena.

Minutos depois, Pedro vinha em passos lentos e cansados acompanhado de seu pai João, que também parecia exausto. Estava muito quente e trabalhar na roça naqueles dias era realmente um desafio e tanto.

– Oi, Seu João. Boa noite!

– Oi, menina!

Pedro logo disse ao pai que já entraria e ficou ali na frente da casa com a amiga.

– Amigo, imagino seu cansaço. Mas você precisa jogar amanhã. A final é muito importante. Seus pais deixaram?

– Júlia, é muito complicado para mim. Eu nem tentei pedir mais.

– Sério?

– Sim. As coisas por aqui não estão boas. Além do mais, sem treinar hoje na véspera não devo conseguir fazer parte do time amanhã.

Júlia, com os olhos cheios d'água entendeu a difícil situação de seu amigo. O menino concluiu:

– Júlia preciso entrar. Estou um pouco chateado com a questão dos jogos, mas vai passar, você vai ver.

– Última coisa. Tente conversar com seus pais sobre amanhã. Talvez eles deixem. Quem sabe?

O garoto sorriu e entrou. Duque dessa vez não fez festa. Percebeu que seu dono não estava feliz.

A sexta-feira chegou. Era o dia da grande final. A escola estava eufórica. Sairia um ônibus com o time e alguns alunos para a torcida. Júlia e Lucas foram sorteados para fazerem parte da torcida. Ao avistá-los, a professora Carla perguntou:

– Júlia, tem notícias de Pedro?

– Ele teve problemas e não pôde vir ontem ao treino. Segundo ele, sem treinar, provavelmente não poderia jogar hoje.



– Júlia, liga para ele. Fala para ele vir. Ele é um menino ótimo. Claro que entendemos a falta dele ontem, ele só podia ter nos avisado. Mas corra, entre em contato com ele e peça para ele vir. Ainda dá tempo.

Júlia, tremendo de nervoso, ligou para o menino. Sem sinal. Com certeza estava na roça. A menina ligou para sua mãe:

– Mãe! Tudo bem? Preciso de um favorzão. Pedro não veio para o jogo e está sem sinal. Dê uma chegadinho na casa dele, converse com ele e avise que a professora disse que ainda dá para ele participar. Com jeitinho, peça autorização a seu João. É muito importante para ele e para a gente, mãe. Me ajude!

As horas passaram e nada de Pedro. Faltavam dez minutos para o ônibus sair. Os alunos começaram a entrar no ônibus. Júlia sentou ao lado de Robson e com a cabeça entristecida e apoiada em seu ombro disse:

– Pedrinho não vai.

Robson ficou em silêncio. Estava triste também. O ônibus deu partida.

Quando o veículo já tinha saído da cidade e estava no começo da estrada, o motorista falando sozinho reclamou:

– Gente, esse carro aí de trás não para de piscar os faróis para mim. Vou parar no posto de gasolina. É até perigoso parar aqui na estrada.

Quando o ônibus parou, todos ficaram assustados. Será que algum pneu havia furado? Algo de errado aconteceu com o ônibus? Será que perderiam a hora do jogo?

Até que uma mulher num carro vermelho lá fora estava falando com o motorista. E para a surpresa de todos, era a mãe de Júlia que veio trazendo Pedro de carro para alcançar o ônibus. Quando Pedro entrou no ônibus, todos gritavam, batiam palmas. Júlia o abraçou e chorou. Rapidamente abriu a janela do ônibus e soltou gritos:

– Mãe! Te amo!

E após alguns quilômetros, o ônibus chegou ao Campus do Instituto Federal que tinha um grande ginásio. Aquilo era espetacular, encantador. Parecia um cenário de jogo profissional. Tinha placar eletrônico. A quadra era toda coberta com arquibancadas espaçosas. O resultado era o que menos importava. Estar ali já era uma oportunidade incrível. Quando Júlia descreveu todo o ambiente para Lucas, o menino disse:

– Eu não consigo ver os detalhes, mas essa escola é espetacular. E o mais legal, Júlia, é que é um Instituto Federal. Uma escola pública. Uma escola para todos. Estou muito feliz. Os meninos que vão jogar devem estar nervosos. Se eu estou, imagina eles!?

E o jogo começou. A quantidade de gritos do time da casa era muito maior do que a dos meninos que vieram de ônibus.



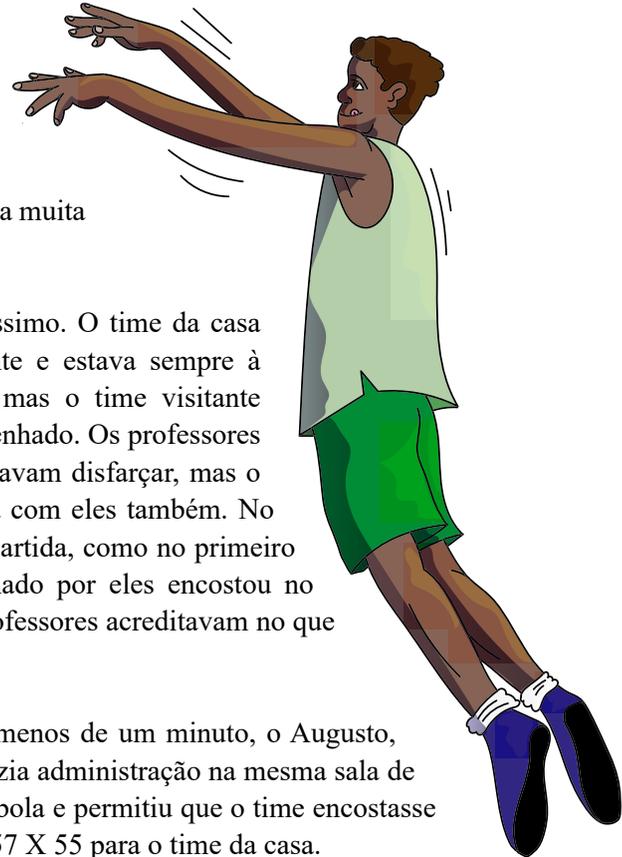
Mas a torcida, mesmo que pequenininha, tinha muita empolgação.

Era um jogo duríssimo. O time da casa era mais experiente e estava sempre à frente do placar, mas o time visitante estava muito empenhado. Os professores Carla e Saulo tentavam disfarçar, mas o nervosismo estava com eles também. No último tempo da partida, como no primeiro jogo, o time treinado por eles encostou no placar. Nem os professores acreditavam no que estavam vendo.

Até que faltando menos de um minuto, o Augusto, um menino que fazia administração na mesma sala de Júlia roubou uma bola e permitiu que o time encostasse no placar. Estava 57 X 55 para o time da casa.

Sorte do time de Robson e Pedro ou azar do time adversário, uma bola no aro que piedosamente caiu para fora, deu a posse de bola para o time visitante.

Faltavam menos de doze segundos, a bola estava com Pedro. Como um déjà-vu, o menino quicou a bola algumas vezes e fez o passe para Robson. Robson, com o coração que batia num ritmo acelerado, por alguns instantes viu aqueles segundos parecerem horas. Estava em suas mãos o último ataque de seu time que perdia por dois pontos de diferença. Não dava tempo de infiltrar no garrafão. E foi ali que faltando 2 segundos ele decidiu pelo arremesso de três pontos.



HOT DOG

Era mais uma aula de matemática.

– Hoje é dia de revisão. Fiquem atentos, pessoal, tirem suas dúvidas...

A cada dia que se aproximava da prova, Pedro ficava mais nervoso. No intervalo, Lucas conversando com Pedro teve uma ideia e compartilhou.

– Pedro, hoje nos dois últimos tempos temos horário vago, vamos comigo na sala do NAPNEE e a gente estuda um pouco de matemática lá. O que acha? Você vai conhecer o pessoal do Núcleo e ainda estudaremos um pouco. Não sou o “cara”, mas essa matéria de função eu estou entendendo bastante. Vamos?

Pedro envergonhado, mas reconhecendo que a ajuda seria preciosa, topou na hora.

No horário combinado os dois entraram na sala do **NAPNEE**. Pedro estava um pouco confuso e observava aqueles equipamentos. Dona Lúcia logo os recebeu com um sorriso no rosto:

– Oi, Lucas, veio estudar aqui hoje?

– Sim, Dona Lúcia, e trouxe o meu amigo Pedro para estudarmos juntos. Pedro, Dona Lúcia é Intérprete de Libras. Ela trabalha aqui no Núcleo.

Dona Lúcia vendo que Pedro estava observando a sala, sorridente explicou:

– Aqui temos recursos humanos e físicos para ajudarmos no processo de inclusão. Naquele canto temos uma impressora braile. É uma ajuda e tanto para pessoas como Lucas lerem

NAPNEE

O Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais oferece acompanhamento e suporte a estudantes visando minimizar as dificuldades encontradas na adaptação e aprendizagem, bem como apoio aos professores, adaptação de material didático, atividades de pesquisa e extensão.

materiais. À esquerda temos também a impressão do alfabeto em Libras. Se um dia quiser aprender, venha aqui e o ajudo.

Pedro com o olhar mais tranquilo reparou umas peças que representavam órgãos do corpo humano.

– Ali estão materiais didáticos de plástico que imitam órgãos humanos. A ideia é ajudar pessoas como o Lucas através do tato entenderem um pouco mais sobre os sistemas do corpo. Há sensores que quando tocados disparam áudios explicativos.

– É, Dona Lúcia, sempre gostei muito de ciências. Achei essa sala muito legal. Parabéns! – disse Pedro.

– Sim, estamos aqui para tentar minimizar alguma desvantagem que nossos alunos possam ter no processo de aprendizagem. Lucas, por exemplo, usará para estudar com você aquele computador. Ele possui um sistema instalado que, graças à pesquisa científica, tem uma espécie de leitor das imagens e textos facilitando o entendimento de alunos com baixa ou nenhuma visão. A propósito, o que vocês vão estudar hoje?

– Funções do 2º grau e seus gráficos. – Respondeu Lucas.



– Ah, tem vários materiais sobre esse tema ali no computador. Podem sentar que agora é com vocês.

Pedro ficou bobo de ver a desenvoltura de Lucas. Ele com um fone de ouvido ia passando a matéria de funções e ia explicando para Pedro as dicas daquele conteúdo.

– Pedro, você não precisa ter medo dessa matéria. É a ansiedade que está atrapalhando, mas vamos começar do zero. Uma função do 2º grau tem...

Com o passar do tempo, Lucas, bem calmamente por meio do software de apoio, foi mostrando o que sabia sobre o mundo das parábolas.

– Então, o gráfico terá a parábola voltada para cima quando o valor do coeficiente a , ou seja, aquele que acompanha o x ao quadrado for positivo. Sabendo isso, para fazer o gráfico você vai atribuindo valores e...

– Gente, não é um bicho de sete cabeças como eu achava. Então se o a for negativo é quando o professor desenha para baixo?

– Sim. Exatamente. E você vai decifrando tudo. O valor de delta, por exemplo, ajuda a saber se a parábola cortará o eixo x ou não...

E assim os dois amigos ficaram durante horas ali. Pedro foi pegando o jeito da matéria. O tempo passou sem que eles percebessem. Ao olhar para a janela, Pedro reparou que já era noite e assustado disse:

– Lucas, precisamos ir. Já anoiteceu. Caramba, são sete e meia já.

– É mesmo? Vamos embora. Mas eu acho que valeu a pena, hein?

– Cara, nem sei como lhe agradecer. Agora as coisas clarearam muito. Não é tão difícil assim. Toda vez que formos ao microscópio eu vou narrar tudo bem passo a passo para você.

Preciso ajudá-lo nas matérias que tenho mais facilidade. Estudar aqui com você hoje foi fundamental. Me sinto mais seguro agora.

Dona Lúcia os interrompeu dizendo:

– Gostei de ver os estudos de vocês dois. A hora que quiserem venham aqui. Pedro, você só estava ansioso. Logo que se acalmou, Lucas foi lhe explicando e pelo que entendi você já vai tirar de letra. Quando é a prova?

– É semana que vem. No sábado à noite vou estudar na minha cidade com minha amiga Júlia. Mas o Lucas já abriu os caminhos para mim. E eu admito para vocês que estou até gostando da matéria. Incrível isso...

Ao chegar a casa bem mais animado quando mexeu no portão, Duque veio receber Pedro. Percebendo a alegria do garoto, o cachorro dava suas típicas cambalhotas que sinalizavam um pedido de carinho ao ver o dono feliz.

– Mãe, me desculpe a hora. Eu estava estudando matemática. A prova é semana que vem e eu tinha que treinar a lista de exercícios. Cadê o pai?

– Seu pai hoje já foi deitar. Está bem cansado. O sol estava forte. A roça estava trabalhosa.

Após o jantar Pedro foi dormir com uma mistura de sentimentos, a alegria de ter aprendido a função do 2º grau que até então parecia de outro mundo e a tristeza por saber que seu pai estava dando um duro danado na roça e cada vez mais com menos ajuda.

O dia da prova de matemática chegou. Alunos a postos, o professor com aquele pacote de provas. Pedro passou o olho em todas as questões e percebeu que era preciso apenas estar atento e aplicar o que aprendeu. Tinha estudado com Lucas e teve um reforço também com a Júlia. Tentou manter a calma e foi fazendo questão a questão, calculou raízes, desenhou parábolas. A voz

de Júlia lhe veio à cabeça como um lembrete: “não esqueça de colocar os nomes dos eixos...”. Pedro foi o último a entregar, mas saiu da prova de matemática com a certeza do dever cumprido.

Robson o encontrou no corredor e disse:

– E aí, gostou da prova?

– Sim. Acho que vou conseguir tirar uma nota legal.

– Que maneira, cara! Vai ter treino extra de basquete mais tarde. Vamos?

– Amigo, avise aos professores que hoje para mim não vai dar. Tenho que dar uma força a meu velho. Ele está muito cansado e precisa de mim lá na roça.

– Pode deixar que falo sim. O próximo campeonato só será ano que vem. Também depois daquela bola de três pontos que bateu no aro e saiu, é melhor termos tempo de treinar mais. Adrenalina daquelas de novo, meu coração não aguentaria...

– Fala não! A gente não ganhou o regional e nem foi para o campeonato nacional, mas aquela partida nunca será esquecida. Foi emocionante demais.

– Sim. Nunca esquecerei aquele lance de três pontos. Era o que dava para tentar na hora. Quem sabe ano que vem?

– Pois é. Tô indo. Viu a Júlia?

– Ela vai assistir ao treino.

– Hum... mande um beijo para ela e avise que gostei da prova.

No dia seguinte, o despertador não parava. Eram cinco e meia da manhã. Pedro acordou correndo, assustado com o companheiro gritão de cabeceira.

– Nossa! O trabalho na roça ontem foi tão pesado que juro que daria tudo por mais uma horinha de descanso. Mas já que tem que levantar, né?

Ao chegar à escola avistou um murmurinho de alunos em volta de um mural do corredor. Júlia veio correndo encontrá-lo.

– Pedro! Você e a Lia conseguiram! Vocês ganharam a bolsa de **assistência estudantil!**

– Sério?

– Sério, olha seu nome e o da Lia ali na listagem!

O garoto por alguns instantes deixou a vergonha de lado segurou a amiga e a girou por três voltas completas, sorrindo como os colegas não o viam sorrir há tempo. Ele sabia que aquela ajuda faria toda a diferença para a família ainda mais em tempos tão difíceis.

– Gente! Ainda estou bobo. Preciso ligar para a mãe. Júlia, estou sem créditos. Me empresta o seu celular? É bem rapidinho.

– Atende mãe... poxa... ela não atende por nada. Deve estar ocupada... Poxa...

– Depois você fala com ela. Vamos entrar, as aulas vão começar. Até mais, gente! – Disse Júlia.

No curso de administração, o professor Léo começou a explicar sobre a feira de ciências que aconteceria em três meses. Segundo ele, os alunos poderiam pensar em projetos, montarem grupos de até cinco pessoas e conversarem com professores para orientação. Os projetos tinham que propor alguma solução em protótipo que ajudasse a resolver um problema da comunidade.

– Pessoal! Montem suas equipes. Abusem da criatividade. Os professores serão os orientadores de vocês, mas as ideias devem vir de vocês. Receberemos muitos visitantes durante a semana

ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

As ações de assistência estudantil têm por objetivo promover a permanência dos estudantes, favorecer o aprofundamento dos estudos, potencializar seu espírito investigativo e vincular sua trajetória escolar com o trabalho e as práticas sociais.



ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Além do Ensino, o IFF desenvolve projetos de Pesquisa Científica e projetos de Extensão, como formas de levar para a sociedade o conhecimento produzido no dia a dia da escola, nas trocas entre servidores e estudantes e na importância de pensar ações que contribuam para a melhoria da sociedade, em diversos aspectos.

da Feira de Educação Profissional e Tecnológica. Três projetos de toda escola apresentarão seus protótipos na capital, durante a Exposição Nacional da Rede Federal na seção de ensino técnico. Não dá para levar todo mundo para apresentação, então esses três projetos que receberão menção honrosa em nossa feira representarão nossa escola no evento. É uma oportunidade e tanto de vocês fazerem **ensino, pesquisa e extensão**. Coloquem a mente criativa de vocês para aflorar. O prazo de inscrição é até semana que vem. Montem suas equipes.

Júlia logo levantou a mão:

– As equipes devem ser da mesma turma?

– Não. Você pode juntar integrantes de diferentes turmas e cursos.

Aquela proposta da feira ficou muito forte na cabeça de Júlia. Ela tinha traços muito claros de liderança. O curso de administração também muito a motivava. No intervalo lançou o assunto em meio ao seu grupo de amigos:

– Gente, vocês estão sabendo da Feira de Educação Profissional e Tecnológica?

Robson respondeu:

– A professora de Eletricidade comentou na aula com a gente sim.

– Então, pensei em nos unir. Somos cinco. Podemos juntar os conhecimentos dos nossos diferentes cursos e pensar num projeto. Lia faz informática, Lucas e Pedro fazem meio ambiente, Robson faz eletrotécnica e eu administração. A gente junta nossas áreas e pensa em alguma coisa.

– É, mas com tantas áreas diferentes a gente consegue fazer algo? Parece que tem que ser um protótipo que ajude a resolver algum problema da comunidade. Disse Lucas.

– Sim. Não é uma tarefa fácil mesmo não. – Disse Júlia.

Pedro, que até então estava quieto, disse com voz de empolgação:

– Peraí! Vejam o que acham dessa ideia: essa época do ano vai esquentando muito. Muitos agricultores da região ficam expostos ao sol, gastam muita energia e esforço diariamente a ponto de ficarem esgotados fisicamente. E se pensarmos numa maquininha para ajudar a programar a quantidade de adubo, a quantidade de água, os horários e essa maquininha ajudasse a disparar essa agenda e distribuição de insumos na roça?

– Mas o que isso tem a ver com meio ambiente e eletrotécnica? Com as outras áreas até percebo, informática para fazer um aplicativo, a administração para planejamento dos gastos e quantidades, mas a nossa área não enxergo. Disse Robson com cara de quem gostou da ideia, mas não visualizou a participação de todos.

Pedro prontamente respondeu:

– Gente! Tem tudo a ver sim. No meu curso temos visto formas alternativas de geração de energia para pensar numa cultura de sustentabilidade. A ideia das placas de energia fotovoltaica pode ser usada em nosso protótipo. Se o sol é o problema que gera o cansaço nos trabalhadores rurais, a energia solar entra para ajudar. E você, Robson, que é de Eletrotécnica, vai ser o cara que vai fazer isso dar certo junto comigo e Lucas de Meio Ambiente. O que acham, pessoal?

– Genial! Contem comigo para fazer o aplicativo. Não estou muito avançada ainda em programação, mas vou procurar professores para ajudar nesse projeto!

Júlia complementou:

– Isso! Vamos procurar professores dentro de nossos cursos para orientar nosso projeto, marcamos reunião para



pensarmos nos materiais que precisaremos comprar, os custos envolvidos. Amei! Vocês são o grupo de amigos mais doidos e que topam as melhores ideias que conheço. Será sensacional nosso projeto de ensino, pesquisa e extensão. Mãos à obra, muito trabalho pela frente.

Depois de um dia agitado com o resultado das bolsas e as ideias para os projetos da feira, Pedro entrou em casa com um grande sorriso. Duque dessa vez não se conteve apenas com as cambalhotas, balançava o rabo numa velocidade tão grande que parecia adivinhar a importância da notícia que o menino trazia para os pais com o resultado da assistência estudantil.

Após tomar o banho, a família estava toda à mesa para mais uma comidinha simples, mas caprichada de Dona Helena.

– Gente, preciso partilhar com vocês uma notícia maravilhosa. Ganhei a bolsa de assistência estudantil! Isso nos ajudará muito mãe. Chega de ficar triste e preocupada com a conta de luz. Usarei esse dinheiro para pagar a luz e vou colocar Internet também. O sinal não é tão bom, mas com garantia da luz e internet, posso estudar de madrugada e ficar mais tempo com o pai de dia na lavoura. Assim continuarei meus estudos e ajudarei vocês um pouco mais, já que tenho deixado furos.

O pai, Seu João, sempre mais sério e contido não resistiu e com emoção disse:

– Filho me perdoe por eu ter que pedir ajuda na roça. Hoje vejo o quanto você está feliz nessa escola e o quanto você tem lutado. Quero que se forme e seja um grande homem. Tenho certeza que com os estudos você irá mais longe que eu e sua mãe. E você, Paulo, siga o caminho do seu irmão. Pesquise um curso, no futuro quem sabe você também poderá estudar nessa escola do Pedro?

E ali mesmo, os quatro emocionados rostos fizeram um momento de oração e gratidão em família. A bolsa de assistência estudantil era fundamental para a permanência de Pedro no Instituto. Com

Internet e energia elétrica garantidas, o menino poderia ter mais facilidade de acesso a material didático e tirar dúvidas com os colegas em horários flexíveis. Era realmente uma noite de boas notícias. A saladinha de alface e tomate acompanhadas com arroz quentinho que exalava os temperos de alho bem refogado e com ovos fritos da roça, tornaram aquele cardápio simples, um jantar de gala por tamanha representatividade daquele momento.

Na semana seguinte, após a inscrição das equipes para a Feira de Educação Profissional e Tecnológica, era a aula de Matemática. Pedro comentou com Lucas:

– Lucas, o pacote de papel pardo do professor está ali. Acho que ele trouxe as notas. Que nervoso...

E assim aconteceu. Logo o professor foi entregando a prova de cada aluno, chamando um a um. Lucas, não foi diferente, ele realmente era fã das funções. E tirou nada mais, nada menos que 9.2. Logo em seguida, o professor chamou Pedro que a passos rápidos de tanto nervosismo pegou a prova e não quis olhar. O professor deu um sorriso para ele. Pedro preferiu sentar-se primeiro e quando avistou o cabeçalho daquela avaliação, viu a nota mais esperada das últimas semanas, um 8.5 em letras garrafais.

– Lucas, obrigado meu amigo. Nosso esforço valeu demais. Tirei oito e meio!

Os dias foram passando. O grupo de amigos amadurecia cada vez mais e fazia do Instituto sua segunda casa. Os preparativos para a Feira de Educação Profissional e Tecnológica estavam a todo vapor. Cada um dos colegas mobilizou dois professores por curso. Lia corria com a programação do aplicativo que continha a agenda de tarefas da roça que disparava avisos para um sensor.

A partir da leitura do sensor, pequenos carrinhos simulavam com ventoinhas a distribuição de adubos e a distribuição de água. Todos os carrinhos funcionavam pelo esquema do projeto alimentados por energia renovável vinda de esquemas que simulavam placas solares. Lucas comentou:

– Gente, nosso projeto também precisa ser inclusivo. Se um visitante vier ver nosso protótipo e tiver problemas de visão ou não nos ouvir? Como entenderá a ideia?

A professora Bia, uma das orientadoras da equipe, completou:

– Isso mesmo, Lucas! Temos que pensar numa escola inclusiva. Muito boa a sua proposição. Podemos pedir ajuda ao pessoal do NAPNEE para rótulos em libras de cada parte do projeto. O que acham?

– Sim, professora. E para as pessoas de baixa visão ou ausência dela, me proponho a deixar gravado áudios explicativos. Robson, será que conseguimos colocar sensores de forma que quando a pessoa passar a mão perto de uma área do projeto, o áudio seja disparado?

– Olha, acho que dá para fazer sim. O professor de automação pode nos dar uma mão também.

Júlia logo complementou:

– Preciso atualizar nossa lista de material. Também vou ver com a professora que dá aula de Marketing para o último ano, uma dica para uma chamada bem bonita em vídeo para o nosso projeto. Acho que vai ficar muito bacana!

Era final de mais uma tarde ensolarada por lá. Júlia e Pedro estavam no ônibus voltando para casa, quando a menina deu a ideia:

– Pedro, estamos quase com o nosso protótipo pronto para a feira, vamos marcar um cachorro-quente na praça para comemorar? Podemos ir no sábado no início da noite.

– Ué, já é... Vamos! Respondeu Pedro todo animado.

O sábado chegou. Pedro pegou suas coisas e foi cantarolando ajudar seu pai na roça. A cantoria estava tão espontânea e animada que o pai virou para o lado e balançou a cabeça rindo e disse:

– Menino, viu algum passarinho verde? Animado assim para esse sol quente aqui?

– É pai, estamos fazendo um projeto muito legal na escola que ajuda a gente a pensar numa solução justamente para esse sol quente nas nossas costas.

– Que diacho é esse, menino? Tá ficando doido? Vocês lá vão ter dinheiro para maquinário aqui da roça?

– Não, pai. É um protótipo... como posso explicar. É uma ideia que tem conhecimento por trás dela, mas é feita em tamanhos pequenos. Uma simulação da realidade, uma imitação. Para ser mais claro é como se fosse de brinquedo, porém ali a gente treina um monte de coisa da sala de aula. Se a ideia ficar boa e algum empresário com dinheiro e que acredite na ciência comprar a ideia, acrescentando conhecimentos de mais anos de estudo é possível torná-la realidade, por isso que existem cursos de Mestrado e Doutorado, já ouviu falar nisso, pai?

– Pedro, você está me embanando. Você está estudando para ser mestre de obras ou para virar médico? Muito complicado isso...

O menino sorriu e continuou cantando... O pai o indagou mais uma vez:

– Mas é só essas coisas doida aí que estão te alegrando? Está muito animado...

Pedro respondeu:

– É que hoje à noite vou à praça lanchar com a Júlia e falar do projeto também.

O pai dessa vez conteve os comentários, mas entendeu perfeitamente o motivo da cantoria toda. Foi discreto e apenas sorriu com ar de quem já foi jovem um dia.

E o tão esperado sábado à noite chegou. Por volta das dezenove

horas, lá estava Júlia aguardando Pedro. Ela era superpontual. Pedro apressado e com o seu perfume que apenas usava para ir a igreja ou a casamentos chegou alguns minutinhos depois.

– É Júlia! Estou tão feliz sabe? Estou gostando de matemática, ganhei a bolsa, nosso projeto para a feira está a todo vapor. Estou realmente muito animado.

– E eu não sei, Pedrinho? Fico tão aliviada de ver você mais tranquilo e com a certeza de que está conseguindo conciliar a ajuda em casa e os estudos. Você é um menino de ouro.

Naqueles instantes, por questões de segundos, o olhar de Pedro ficou parado no tempo e ao encontro dos olhos meigos de Júlia. Pedro nunca tinha passado por uma situação daquelas. Era inédito e bom de sentir. O garoto não conseguia expressar e nem queria na verdade. Mas aqueles segundos bons e mágicos, logo voltaram a ter sua marcação normal. Júlia, olhou para trás e acenou gritando:

– Robson, Robson! Estamos aqui!

Pedro, como se tivesse parado de ouvir uma música suave abruptamente indagou:

– Ué, o Robson está aqui na nossa cidade? Não sabia que ele viria...

– Sim. Eu chamei o Robson. Ele também está muito contente com o projeto.

Pedro, com um olhar sem graça e ao mesmo tempo sem entender o que não queria, perguntou a Júlia se ela havia chamado Lia e Lucas também. Júlia balançou a cabeça sinalizando que não e quando ia falar, Robson chegou.

– E essa dupla querida, como está? Júlia, trouxe para você um pote com massas frescas do melhor pastel da minha cidade. A receita caseira da minha família. Leve para a sua mãe e fale que mandei um beijo para ela.

– Ué, você não vai lá domingo que vem? Por que não deixou para dar o presente a ela presencialmente, menino?

Pedro tentando entender a visita de seu amigo à casa de Júlia, mas também com a certeza de que em alguns momentos é melhor guardar seus pensamentos, apenas deu um sorriso naquela conversa que não o incluía.

– Gente, vamos comer? A fome bateu... – Disse Pedro, disfarçando um pouco.

– Vamos, pô! Respondeu Robson sorrindo.

E assim os três começaram a saborear o cachorro-quente dali da pracinha. Após duas mordidas, Pedro percebeu que o lanche tão esperado estava sem graça, enquanto Robson e Júlia com risos e satisfação saboreavam seus hot dogs com maionese caseira e ketchup com toda empolgação. Comendo um pouco contra gosto, Pedro conseguiu chegar apenas na metade. Júlia, muito observadora, logo comentou:

– Pedrinho desanimou? Estava faminto e agora está comendo lentamente?

– Nada demais não. Na verdade, acho que não me caiu muito bem. – Respondeu Pedro, disfarçando. E ainda completou:

– Gente, nosso protótipo é um sucesso, tenho certeza que vai ser uma Feira espetacular, mas eu preciso ir embora. Robson, você deixa Júlia em casa para mim?

– Como assim, Pedrinho? Disse Júlia com olhos arregalados.

– Não estou legal não, Júlia. Que bom que Robson é uma ótima companhia. Aproveitem essa noite de sábado por mim, mas preciso ir. Me desculpem...

E com o andar apressado querendo sair dali o quanto antes, Pedro foi para casa. A cantoria de cedo na roça deu lugar a um

sentimento estranho, um pouco involuntário. Pedro dessa vez não quis entrar. Preferiu ficar ali na frente de casa sentado em um montinho de três tijolos. Duque por sua vez, passou debaixo da cerca e veio para perto de seu dono que aborrecido disse:

– Duque, nem vem! Pare com isso!

O cachorrinho sensível que só, sentou ao lado de Pedro e com as orelhas abaixadas e o olhar atento virava a cabeça de um lado para outro tentando entender o que estava acontecendo. Pedro apenas olhava para as estrelas, mas deixou escapar algumas gotas lentas de lágrimas que marcaram a terra empoeirada. Ali ninguém precisava falar nada. O próprio Duque já havia entendido tudo e deitou sobre os pés do dono adormecendo.



CANÇÕES

Era o dia da tão esperada Feira de Educação Profissional e Tecnológica. A escola estava movimentada. Além dos alunos e funcionários, professores e estudantes de outras instituições de ensino estavam fazendo visita. Pais de alunos vinham prestigiar os trabalhos. A feira durava uma semana inteira. As salas de aula davam lugar a stands feitos pelos próprios alunos por meio de um intenso trabalho em equipe. Eles se sentiam muito orgulhosos, pois eram os grandes expositores dos projetos desenvolvidos ao longo de meses. Acompanhada do orgulho vinha a ansiedade pelas apresentações aos avaliadores. Na edição daquele ano havia a oportunidade de exibir em um segundo momento na Exposição Nacional da Rede Federal que aconteceria no Rio de Janeiro. Todos os trabalhos eram muito bons e criativos. A galera era muito dedicada. Ali era uma forma de ver na prática o resultado do ensino “mão na massa” que o Instituto valorizava.

Em uma das salas estava o grupo de cinco amigos com sua invenção. O protótipo ficou muito bacana.

– Conheçam a Engenhoca Sustentável! – Dizia Lucas todo empolgado.

As crianças e jovens que vinham visitar a escola ficavam encantados com aqueles trabalhos. De repente, ao olhar para o lado Pedro avistou o professor Machado, aquele de ciências que o ajudou a fazer a inscrição para o Instituto Federal.

– Pedro! Que legal ver você aqui! – Disse o professor.

– Professor Machado! Eu nem sei o que dizer ao vê-lo também. Trouxe o pessoal da nossa escola?

– Sim. Trouxe duas turmas para essa garotada ter um dia diferente e ver de perto como a ciência é feita no ensino médio.

É uma inspiração para eles também. Vou juntar um grupo de alunos aqui e vocês explicam o trabalho a eles?

– Claro, professor... Pessoal, essa é a Engenhoca Sustentável. Olhem que legal! Nesse cantinho aqui essas plaquinhas ajudam a gerar energia aproveitando o sol. Com isso, esses carrinhos feitos de material reciclado podem ajudar a adubar e irrigar poupando esforço dos agricultores.

Robson complementou:

– Tudo aqui é disparado por um aplicativo feito pela nossa colega Lia, que monitora a quantidade de água e de tudo que a plantação precisa. A partir disso, com ajuda de sensores automaticamente essa portinha abre e o caminhãozinho movido à energia solar recebe o que vai ser usado na lavoura.

Júlia complementou:

– Gostaria que um de vocês aproximasse as mãos sobre cada uma dessas regiões da engenhoca...

Uma menina curiosa que só, logo se voluntariou e um áudio foi disparado automaticamente explicando de forma sucinta o que cada parte daquela Engenhoca tinha. E assim a apresentação do grupo foi encantando pais, alunos e todos os visitantes que ali passavam.

No último dia da Feira teria apresentações musicais dentro do Festival de Cultura organizado pelos professores de Português. E logo após a apresentação, o diretor da escola anunciaria os três projetos selecionados para a apresentação no Rio de Janeiro. Os estudantes lotaram o auditório. Na verdade, eles estavam cansados de todo o trabalho da semana, mas era aquele cansaço bom depois do dever cumprido. Ali no auditório todos sentiam o coração apertar por estarem finalizando mais uma edição da Feira de Educação Profissional e Tecnológica. Na mesma fileira estavam os cinco amigos. Lia com um sorriso disse:



– Galera, eu e Lucas vamos cantar uma música do Milton Nascimento. Tomara que vocês gostem. Além da música ser linda, Lucas vai caprichar no arranjo. Estamos ansiosos.

Robson acalmou a amiga dizendo:

– Tenho certeza que será lindo. Vocês vão arrasar!

Naquele instante Pedro reparou que a mão direita de Robson estava discretamente sobre a mão esquerda de Júlia. Por alguns segundos aquela sensação esquisita do último dia do hot dog na praça voltou a aparecer. Apesar do desconforto, o menino pensou: “Vou focar meu pensamento no projeto... Robson é maneiro, um grande amigo também. Júlia merece um sujeito bom como ele. Meu Deus, me ajude a enfrentar isso e a ser maduro... Vamos Pedro, curta esse momento de encerramento da Feira...”

Logo em seguida, a professora de Português toda empolgada com poesias declamadas pelos alunos entre apresentações musicais, no microfone anunciou:

– Agora vamos receber uma dupla que vai cantar uma música muito representativa para nós mulheres. Sim! Nós todos precisamos reconhecer esse dom, essa magia, essa força que nos alerta, afinal quantas e quantas Marias, Marias fazem parte do nosso dia a dia? Com vocês, nossos alunos Lucas e Lia, tocando e cantando, “Maria, Maria” de Milton Nascimento.

E assim suavemente, os dedos de Lucas deram vida àquele violão tornando a introdução da música muito emocionante. Em seguida, aquele menino negro, com deficiência visual deu luz a todo aquele auditório. Sua amiga Lia ao juntar sua voz a dele tornou a dupla ainda mais especial. Ao final, aquele menino do interior que se apoiava no violão para mostrar sua arte, deixou o instrumento de lado, o que nunca tinha feito e sozinho, lentamente entoou um solo:

– “Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida.”

Imediatamente o auditório inteiro começou a cantar e a bater palmas:

– “Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!! Lá lá lá lerererê lerererê...Lá lá lá lerererê lerererê...”

Qualquer pessoa que entrasse ali naquele momento se sentiria emocionada pela magia de uma letra tão linda de um grande artista sendo interpretada pela delicadeza daquela juventude. Eram meninos humildes do interior compartilhando seus dons e contagiando a todos com a alegria que a música proporciona. A professora de Português com lágrimas de emoção pegou o microfone e disse:

– Vocês são a nossa juventude. O Brasil precisa de vocês. Obrigada, queridos alunos, por essa emoção. E dessa forma linda e contagiante encerramos o Festival de Cultura que integra a nossa Feira. Antes de anunciar os três projetos que receberão menção honrosa e representarão nosso campus na

Exposição Nacional da Rede Federal, gostaria de deixar mais um convite. Após esse lindo hino de Milton Nascimento sobre as mulheres, aproveito para anunciar que a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica criou o prêmio “Mulheres Empreendedoras da Rede Federal”. Podem se inscrever mulheres estudantes da rede federal apresentando um projeto que mostre seu potencial empreendedor. No Brasil inteiro dez ideias serão premiadas. As inscrições são individuais. E tem mais, as mulheres contempladas farão um intercâmbio no Canadá nas férias de janeiro em seu último ano de curso para troca de experiências e capacitações na área de empreendedorismo e inovação. Essa é mais uma ação de internacionalização da nossa rede. Então, meninas, inspirem-se e inscrevam-se.

Robson, apertou a mão de Júlia e complementou:

– Uma oportunidade que é a sua cara... Pense nisso!

Dando sequência, o diretor da escola veio com o pacote que continha os nomes dos três projetos premiados na Feira de Educação Profissional e Tecnológica. Música de suspense e o anúncio começava:

– Após uma rígida avaliação feita por nosso pessoal da área pedagógica e por uma comissão de professores, os três projetos selecionados para apresentação na cidade do Rio de Janeiro são: “Socorristas da Ciência!”, um projeto que envolve as áreas de biologia e química. Parabéns!

O segundo projeto é...

A cada projeto anunciado pelo diretor, o quinteto de amigos tremia por dentro. Até que o último anúncio foi feito:

– E para finalizar, o último projeto se chama “Engenhoca Sustentável” e envolve os cursos de eletrotécnica, informática, administração e meio ambiente! Parabéns!

A gritaria do grupo foi enorme. Os gritos se juntavam a

sorrisos, abraços e muitas lágrimas. Uma emoção única para aqueles estudantes e seus professores. Realmente o Instituto Federal promove muitos momentos inesquecíveis para quem faz parte dele.

Passada a emocionante Feira de Educação Profissional e Tecnológica, nas semanas seguintes aconteceria a correria das provas do último bimestre. O grupo de amigos estava estudando na biblioteca, cada um dentro de sua agenda de avaliações e compartilhando o compromisso de estudar bastante todos os dias. De repente, Robson recebeu uma ligação da professora Carla pedindo para que a procurasse com urgência na quadra. Júlia perguntou:

– O que houve menino? Você está vermelho...

– A professora Carla quer falar comigo com urgência na quadra. Será o que é?

Robson se dirigiu até lá. Após alguns instantes, voltou à sala de estudos da biblioteca com uma expressão de agitação misturada com alegria e gritou:

– Gente! Vou jogar as finais do Nacional de Basquete!

Lia indagou:

– Ahn? Como assim?

– Vocês lembram do time que ganhou da gente no final do regional? O campeonato nacional só ocorre no fim do ano depois das semanas de prova. O time vencedor está incompleto faltando uma pessoa para a reserva. Como fui o cestinha do regional eles me chamaram para completar o time. Me belisquem, não estou acreditando! De repente tanta coisa me veio à cabeça. Eu perdi aquela cesta de três pontos e isso nos impediu de vencer. Fiquei tão desapontado comigo mesmo... E agora percebo que as coisas são quando tem que ser. Nosso time amadureceu muito mais depois daquela derrota. Nos unimos mais. Queremos nos aprimorar para o próximo ano

e justo eu que perdi a última cesta agora tenho uma segunda chance de participar dessa experiência. É assustador...

Pedro abraçou o amigo e com um sorriso emocionado disse:

– Você jogou demais naquele dia. O time deles era infinitamente melhor que o nosso e mesmo assim nossa equipe se superou. Naquele dia perdemos aquele jogo por pouco, mas ganhamos em amadurecimento. O atacante leva a fama da cesta que acerta, mas carrega o peso do tropeço na hora da decisão. A gente aprendeu que o resultado do jogo não é de um momento, mas de todo um processo. Você merece muito essa experiência, Robson!

– Obrigado, Pedro. Essa vitória é nossa. Sem os seus passes e o entrosamento do restante do time eu não acertaria muitas das cestas. E detalhe, gente, os jogos serão em apenas uma semana. Os jogos serão no Nordeste... são muitas horas de viagem até lá e a agenda dos jogos é muito curta. Iremos de avião. Vocês acreditam nisso?

O menino empolgado gritou:

– Vou andar de avião! Não acredito!

O bibliotecário disfarçando a vontade de rir, se fez de durão e disse:

– Silêncio, pessoal. Estamos na biblioteca.

O grupo de amigos sorriu. Com as mãos na boca falando bem baixinho, Júlia perguntou se Robson já sabia a data dos jogos. O menino respondeu:

– Será na primeira semana depois da semana de provas.

Júlia com um olhar levemente desapontado para não desanimar Robson diante da notícia tão boa, retrucou:

– Caramba! Vai bater com a semana que iremos ao Rio de Janeiro.

– Ixe... Vou perder essa apresentação com vocês. Puxa vida!...

– Uma pena coincidir. Sentiremos muito a sua falta, mas sabemos o quanto esse campeonato é importante e a experiência que terá ao conhecer os times dos institutos do Brasil inteiro. Não fique triste. Serão dias incríveis para todos nós.

Passada a semana de provas, Robson já havia se unido à delegação do campus que representaria o Instituto no Nacional, o grupo dos outros quatro amigos trazia suas mochilas para o grande dia de viagem à Exposição Nacional da Rede Federal. Para três deles, era a primeira vez que iriam ao Rio de Janeiro. Ônibus na estrada, horas passando lentamente com os quilômetros todos de distância. Todos no ônibus estavam apagados de sono. Saíram bem cedinho, por volta das quatro da manhã. Passadas algumas horas, Pedro sentado ao lado de Lia olhou pela janela, coçando os olhos como quem precisa acordar e avistou aquela paisagem que até então só conhecia na TV. Estava lá caprichosamente posicionado sobre o Morro do Corcovado e de braços abertos para aquele grupo de jovens tão sonhadores, o lindo Cristo Redentor. Sem se conter, Pedro cutucou Lia apressadamente:

– Lia, Lia... acorde! Olha lá, Lia! É o Cristo!

A menina também acordou com cara de sono, mas rapidamente encantou-se com a paisagem tão significativa. Os dois foram conversando boquiabertos com o que viam e logo o ônibus inteiro despertou. Estavam em meio à ponte Rio–Niterói quando Júlia apontou para a pista do aeroporto posicionado na Baía de Guanabara:

– Vejam gente! É o aeroporto! Reparem que pertinho dele está o morro do Pão de Açúcar. Lindo, né?

Pedro respondeu:

– Lindo demais... a gente acha bonito na televisão, mas ter a chance de ver isso diante dos nossos olhos é incrível!

Naquele momento, Pedro imaginou o quanto deveria ser difícil para Lucas que não podia enxergar aquela paisagem como eles. Por alguns instantes, se entristeceu e cochichou com Lia que teve uma ideia e em meio ao ônibus que já estava agitado, falou:

– Lucas estamos no Rio de Janeiro! Pegue o violão... Galera, uma das músicas que eu e Lucas já tocamos tem tudo a ver com isso aqui. Lucas, manda ver aí a primeira nota... Galera, cantem comigo, porque Rio de Janeiro é o Rio de Tom Jobim... Vamos de bossa nova:

– “Minha alma canta, vejo o Rio de Janeiro / Estou morrendo de saudades / Rio, céu, mar / Praia sem fim / Rio, você foi feito pra mim / Cristo Redentor / Braços abertos sobre a Guanabara / Este samba é só porque / Rio, eu gosto de você...”

E depois de cantarem o Samba de Avião de Tom Jobim que soa nos ouvidos numa sintonia que invade a alma, Lucas pediu atenção de todos e disse:

– Minha querida Lia, foi ótimo tocarmos Tom Jobim. É Rio de Janeiro. Mas a gente sabe que faz parte da história do carioca, o Funk. Então, levem comigo:

– “Eu só quero é ser feliz / Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é / E poder me orgulhar / E ter a consciência que o pobre tem seu lugar / Fé em Deus, DJ.”

A juventude tem uma alegria única. Para aqueles jovens aquele dia era muito enriquecedor. O ônibus adentrou a cidade maravilhosa até chegar no pavilhão de exposições. Lá, os professores dividiram os alunos em grupos com responsáveis por guiá-los e avisaram que a apresentação dos projetos seria no final da tarde com duração de duas horas. Antes desse momento, os jovens poderiam mergulhar na infinidade de atrações que o evento proporcionava, inclusive com stands de livros, tecnologias educacionais, projetos inovadores desenvolvidos em toda a rede federal.

Aquele lugar era gigantesco. Muitos daqueles alunos nunca tinham participado de um evento tão grande quanto àquele. Os olhares eram de admiração e curiosidade. Júlia, que sempre gostou de ler, chamou os colegas para visitarem um grande stand de livros:

– Nossa! Olhem isso! Vamos preencher essa ficha... Eles vão sortear 50 livros dos dois últimos títulos de Nicholas Spark. Ai gente, não aguento...

O grupo entrou num stand grande. Cada um se aproximou da área de seu maior interesse. Lucas estava num canto que tinha vários e-books com tecnologias assistivas. O menino encantado, percorria as diversas opções. Lia, Pedro e Júlia e um professor estavam olhando uma promoção de livros de bolso do outro lado. Pedro logo disse:

– Esses pequeninhos, dá para eu comprar dois. Pessoal, me ajude a escolher um para meu irmão e um livrinho de receitas para a minha mãe? Quero levar de lembrança.

Enquanto isso, um rapaz forte, alto e engravatado bateu nas costas de Lucas que se assustou respondendo:

– Sim!

O rapaz com fala séria e mal-humorada afirmou:

– O que você está fazendo aí?

– Ahn? Estou pesquisando esses e-books com tecnologias assistivas. – Disse Lucas sem ainda entender o que estava acontecendo.

O rapaz continuou:

– Garoto, isso aí não é para você não. Pode se retirar daqui imediatamente?

Com indignação, o estudante disse:

– Eu estou aqui com meus amigos e vim conhecer a exposição como qualquer outra pessoa...

– Ah, é? Até parece que um sujeito como você, preto e marrento com esses óculos escuros se interessa por leitura. Se enxerga, garoto. Isso aqui não é para seu bico não.

– Eu nunca esperava que num lugar tão bonito como esse aqui acontecesse uma cena dessas. É lastimável. – Disse Lucas nervoso.

– Ainda quer usar palavra bonita? Lastimável vai ser eu ter que tirar você daqui à força, caso você insista, moleque. Vamos... Saia! Quantas vezes terei que repetir que aqui não é lugar para você?

Naquele instante o grupo de amigos e o professor que os acompanhava se aproximaram. O professor disse:

– Bom dia! Algum problema por aqui, senhor?

– Não, não. Fiquem tranquilos. Já estou resolvendo com esse garoto. Não é com vocês.

– A questão, senhor, é que esse garoto a quem se refere tem nome. Ele se chama Lucas Tinoco. É um estudante aplicado e talentoso. Não entendo sua abordagem tão desrespeitosa. E esse “garoto” negro e de óculos escuros, tem deficiência visual e qualidades que você sequer imagina. Mas tudo bem, já estávamos de saída.

– Me desculpe. Não sabia. Me desculpe mesmo. Falou tremendo e completamente sem graça, o rapaz depois do episódio desrespeitoso.



Naquele momento o responsável pelo stand se aproximou para também entender o que estava acontecendo. O professor conteve comentários mais severos sobre o que ocorrera. Percebeu que o crachá do rapaz apontava que ele estava em treinamento. No fundo, o professor sabia que o rapaz também era vítima de um sistema excludente e que não ensina as pessoas para o respeito ao próximo e para a igualdade. O professor discretamente preferiu reservar mais detalhes sobre o ocorrido, bastasse o constrangimento com seu aluno, não quisera continuar explicando o que sequer não deveria acontecer.

Depois daquela cena, Lucas desapontado e em lágrimas comentou:

– Obrigado, professor. Infelizmente ainda há muitas situações assim. Quando estou em grupo é mais difícil ocorrer, mas quando fico sozinho, principalmente em lugares que tem venda de algum produto, sou abordado de forma deselegante como a de hoje. No Brasil, nascer negro, pobre e ser deficiente visual é uma luta. Mas olha, tenho vocês que me aceitam como sou e me valorizam como pessoa. Esqueçam isso. Logo, logo ficarei bem. Vamos aproveitar a exposição.

Em seguida, o professor chamou o grupo para um lanche na área de alimentação. Diante da situação inesperada e infeliz, era preciso resgatar o encantamento daqueles jovens. Aos poucos, os sorrisos voltaram a ser sinceros em seus rostos.

O dia passou como uma flecha. Logo chegou a hora da apresentação dos projetos que os alunos trouxeram. Os estudantes que até então eram participantes, com o trabalho criativo que fizeram no Instituto passaram a expositores. Durante duas horas aqueles grupos sentiram o orgulho de fazer parte de uma grande rede de ensino.

O trabalho do grupo de amigos estava exposto no stand junto aos demais projetos de outros Institutos Federais da Região Sudeste. Os alunos ficavam encantados com a troca de conhecimento que aquela exposição permitia. De repente, ao olhar para o lado,

Robson avistou dois rapazes de pele bem branca, altos e com sotaque muito diferente. Lia também percebeu e comentou:

– Gente, aqueles caras são ingleses ou americanos? Olha isso, eles falam igual a gente ouve nos filmes legendados. Me segurem, eles estão visitando os projetos. Será que teremos que apresentar a nossa Engenhoca Sustentável para eles? Júlia, você tem inglês completo, é a nossa salvação aqui...

Júlia respondeu:

– Nem pensar! Vocês fazem curso de inglês no Instituto, não fazem? Quem aqui já está nos módulos finais? É a hora de vocês colocarem em prática o que aprendem lá. Meu inglês é fluente porque converso com estrangeiros. Lia, você está avançada no curso do Centro de Línguas, não está?

– Estou, mas me sinto insegura...

– Deixa de ser boba, tomara que eles venham e você apresentará o projeto. Estarei aqui do lado para qualquer problema.

E não deu cinco minutos para os dois rapazes estrangeiros se aproximarem. Júlia deu uma cutucada em Lia que um pouco nervosa disse:

– Hi, my name is Lia. How are you?

– Hello! I'm Mike and he is John. We are fine! What's your Project?

E Lia foi se descontraindo e sem perceber estava conversando em inglês com os visitantes. Apresentou o trabalho em uns dez minutos. Com um sorriso no rosto um dos gringos se despediu dizendo:

– Congratulations! It's amazing! Have a nice day. Bye!

Quando os visitantes saíram, imediatamente os colegas

soltaram risos contidos em meio a uma pitada de orgulho da amiga. Júlia logo disse:

– Você falou superbem! Conseguiu entendê-los e pelas perguntas que fizeram, também conseguiu que os americanos a entendessem. Você deve falar com os professores de Inglês do Instituto. Eles ficarão muito orgulhos de você, Lia.

Aquela experiência era incrível. Os alunos sabiam o quanto o Instituto significava em suas vidas e a importância de ter acesso a uma educação pública e gratuita. Pela maturidade daqueles estudantes e o aprendizado que ia compondo sua bagagem formativa, era nítida a importância da existência dos Institutos Federais pelo Brasil afora.

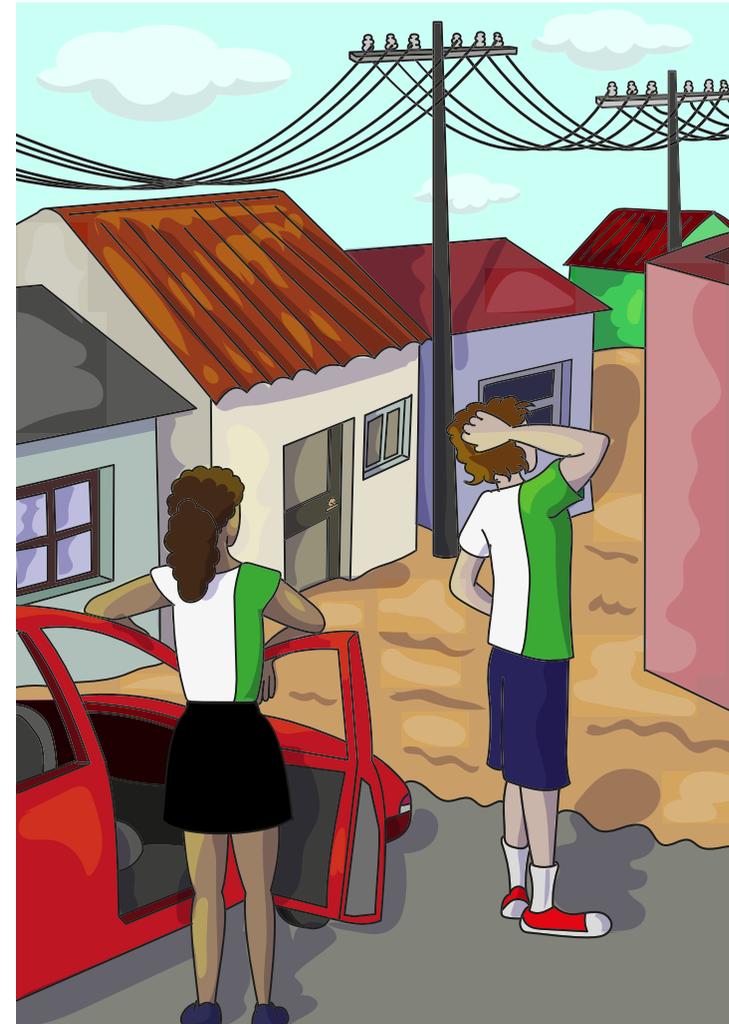
Como todo sonho bom, chegou a hora de pegarem o ônibus de volta para casa. Os alunos não tinham mais a mesma energia da viagem de ida. Logo, logo adormeceram no ônibus. A viagem era longa. Eram quase 6 da manhã, quando Pedro abriu os olhos e viu a chuva forte caindo lá fora. Ao esfregar os olhos para tentar identificar onde estavam viu que já tinham entrado na cidade onde ficava o Instituto. Logo o motorista acendeu as luzes do ônibus e um dos professores alertou que já estavam chegando. Júlia falou para os três amigos que seu pai viria buscá-la de carro e daria carona para eles. Era um dia de sábado. Ainda bem, pois o que os alunos todos queriam era um pouco mais de descanso depois daquelas horas todas de viagem.

– Oi, Pai! Como vai? Disse Júlia entrando no carro.

– Tudo bem, filha. Oi, pessoal. Gostaram da viagem?

Todos ainda com o rosto amarrotado sussurraram um sim preguiçoso. O pai de Júlia deixou Lia e Lucas em casa e pegou mais uma estrada que os levava a cidade deles. O pai da menina comentou:

– Estava um pouco preocupado. Na nossa cidade a chuva está



bem intensa, muito mais forte que essa que cai aqui. Nossa rua Júlia não está com problemas, mas alguns bairros já estão alagados.

Pedro imediatamente arregalou os olhos e falou:

– Seu Toni, com certeza meu bairro deve estar alagado. O senhor não precisa entrar lá, pois pode enguiçar o carro. Pode me deixar perto da pracinha que sigo para lá a pé mesmo. É bem próximo.

– Não, menino... Chegando lá a gente olha. Quero pelo menos tentar.

Conforme apontado por Pedro, seu bairro já estava com muita água. No canto de algumas calçadas ainda dava para passar com água chegando aos joelhos, mas entrar de carro era realmente um grande risco de terem problemas e ficarem enguiçados em meio às águas. Apesar da preocupação do pai de Júlia, Pedro insistiu em ir a pé. Segundo ele, já havia passado por situações como aquela e precisava ir para casa. O menino agradeceu a carona e seguiu por duas ruazinhas. Ao chegar à casa, Duque encharcado não veio recebê-lo. Estava quietinho sobre a mureta da varanda com cara de medo. Pedro gritou assustado:

– Mãe! Pai! Como vocês estão? O que aconteceu aqui?

O CONCERTO

E o tempo passou. O grupo de cinco amigos já estava no terceiro ano. O psicólogo da escola tinha organizado algumas atividades para ajudar os estudantes do último ano sobre suas vocações profissionais. Ao longo das últimas semanas houve várias atividades organizadas por ele e pelo pessoal da equipe pedagógica. Os envelopes com os apontamentos sugeridos depois dos testes vocacionais estavam disponíveis.

Lia e Lucas tiveram o mesmo resultado: a área de humanas com foco na parte artística. Robson, por sua vez não pretendia fazer curso superior naquele momento. Ele tinha passado pelo processo seletivo para uma grande empresa depois da divulgação da oportunidade feita pela equipe de Comunicação Social do campus nas redes sociais. Era uma oportunidade de ouro. Trabalharia como técnico em eletrotécnica na iniciativa privada numa empresa que tinha um plano de carreira promissor. O rapaz estava aguardando a formatura para começar a trabalhar.

– É gente. Meu teste vocacional aponta para a área de Engenharia mesmo. Mas vou aos poucos. Conversei lá em casa e vou me dedicar a esse novo emprego que apareceu. Na verdade, estou bem nervoso. Minha ficha nem caiu ainda. Será o meu primeiro verão que não trabalharei na praia com meus pais. Passou um filme na minha cabeça. Mas também se eu for bem na empresa devo conseguir juntar uns trocados e ajudar meus pais com a pastelaria. Mas confesso a vocês que estou muito ansioso.

Júlia, com o coração apertado, olhou para o namorado e disse:

– Lembre-se que você ajudou seus pais em muitos verões. Essa oportunidade de emprego não apareceu para você à toa. Você continuará os ajudando, porém agora em vez da ajuda vir das vendas de picolé e dos pastéis da praia, virá do seu curso técnico. Nós confiamos em você. Vai dar certo!

– Vou acreditar, Júlia. O frio na barriga é enorme, mas vou acreditar. A propósito, o seu teste deu o quê?

– Não abri meu envelope ainda, perai... Na mosca! Adivinham? Deu área de gestão. Eu quero continuar na área de administração. Adoro isso, gente! Meu teste confirma o que eu achava. Legal, né? Falando nisso, pessoal, amanhã sai o resultado do prêmio “Mulheres Empreendedoras da Rede Federal” organizado pelo CONIF. Da outra vez não deu para mim, mas quem sabe esse ano consigo? Tenho uma pontinha de esperança... Mas, perai e o seu teste Pedro? Está batendo com o que você imaginava?

– Deu aqui afinidade com a área de ciências que é o que eu esperava e todos vocês também sabem que sempre curti, mas pasmem, há indicações também para a área de exatas. Isso até me anima a pensar numa Engenharia. Queria muito juntar meu conhecimento do curso técnico de meio ambiente com uma outra área que possa me ajudar a tentar resolver esses problemas de enchente da nossa cidade.

– As enchentes estão cada vez piores né, Pedro? – Disse Robson.

– Sim. Você lembra Júlia quando você e seu pai me deixaram perto de casa na volta da viagem ao Rio de Janeiro? Perdemos grande parte dos móveis. Não me esqueço quando encontrei minha mãe chorando porque perdeu a geladeira, os móveis de quarto e o fogão que tanto a ajudava para fazer suas broas de milho. Na época se vocês não tivessem feito aquela campanha aqui na escola, não sei o que seria da gente.

– Mas, Pedro, como acontece isso? A água sobe muito rápido e vocês não conseguem levantar as coisas? – Indagou Lucas.

– Cara, é tudo muito esquisito. Na última vez a chuva caiu pesado de madrugada. Minha mãe contou que chegaram a colocar algumas coisas pequenas sobre outras, mas a mobília pesada mesmo é muito difícil salvar. E o pior que sabemos que quando chega janeiro tem muita chance de acontecer de novo.

– Tinha que ter um jeito de resolver isso. – Disse Lucas entristecido.

– É. Dizem que teria que fazer todo um sistema de drenagem, mas que custaria muito caro e a prefeitura não consegue arcar com os custos. É torcer para cair pouca chuva e ninguém se machucar. Fico aliviado, pois as perdas são apenas materiais. As pessoas conseguem se salvar, mas é bem triste. Muita gente perde também boa parte da plantação. Meses de trabalho perdidos em poucas horas. Uma solução precisa ser pensada. Mas vocês vão ver, vou continuar estudando e vou tentar lutar para por meio da ciência ajudar a resolver esse problema de tanta gente.

– É, cara. Brabeira mesmo. – Disse Robson.

– Muito, amigo. Estava conversando com alguns professores e eles me explicaram que esse tipo de problema pode ser resolvido com ajuda da ciência. Pensei em terminar o curso aqui, fazer minha faculdade e usar esse problema como projeto de fim de curso. Nem que eu tenha que dar continuidade aos estudos e fazer Mestrado e Doutorado.

– Isso aí Pedrinho! Gosto de ver você animado. E você sabe que não é um sonho impossível não. No próprio Instituto Federal tem cursos de Mestrado e Doutorado. Dou todo apoio, amigo! – Disse Júlia sempre com seu olhar atencioso.

Logo os estudantes voltaram para a sala de aula. Era novembro. As últimas provas se aproximavam. Aquela história escrita por eles no mesmo espaço aproximava-se do fim. A juventude tem isso. Cheia de planos, expectativas, novos ciclos. Era muito bom saber que aquele grupo com vocações distintas teria grandes oportunidades pela frente. E por falar em oportunidade, no dia seguinte, Júlia estava de olho no site do **CONIF**. Era por lá que sairia o resultado do prêmio de empreendedorismo a que estava concorrendo. As horas passavam e nada. Júlia atualizava o site pelo celular, mas o resultado insistia em não sair. Robson sugeriu:

CONIF

O Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) é uma instância de discussão, proposição e promoção de políticas de desenvolvimento da formação profissional e tecnológica, pesquisa e inovação, trabalhando para o fortalecimento e a consolidação das 41 instituições que formam a Rede Federal e que, juntas, reúnem mais de 600 unidades em todo o Brasil.

– Júlia, você está desde cedo pregada nesse celular. Abstraia um pouco. Quando você menos esperar a lista estará disponível, você vai ver...

E assim foi... Júlia estava na aula de Marketing. A professora passava uma última revisão de conteúdos já que a prova estava próxima. De repente, o diretor da escola pediu licença para dar um recado à turma. A professora prontamente cedeu-lhe a fala.

– Boa tarde, pessoal! Vim aqui por dois motivos. O representante de vocês na Comissão de Formatura deve procurar a Direção para os ajustes finais da Colação de Grau. A próxima reunião será na sexta-feira, às 15h no gabinete, ok?

Os murmurinhos começaram, pois os alunos sabiam o quanto a formatura era esperada. O diretor continuou:

– Então, além da formatura, vim aqui na turma de vocês também para dar uma notícia... Um de vocês além de se formar, passará as férias de janeiro no Canadá. Júlia, acabou de sair o resultado e seu projeto de Empreendedorismo nas Redes Sociais acaba de ser divulgado pelo CONIF e você é uma das dez estudantes do Brasil que fará uma imersão fora do país como vencedora do prêmio “Mulheres Empreendedoras da Rede Federal”. Parabéns!

A turma inteira começou a aplaudir a menina que recebeu um abraço do diretor e da professora, em meio às lágrimas.

Ao término da aula Júlia foi correndo procurar seus amigos para dar a notícia. O primeiro a encontrar foi Robson que todo orgulhoso disse:

– Que janeiro será o próximo, hein? Eu começarei a trabalhar e minha namorada talentosa vai para o Canadá. Estou muito feliz! Mas Júlia, é um mês só, né?

– Sim... um mês de muito aprendizado. Vai passar rápido, você vai ver.



Lia e Lucas já tinham ido embora e Júlia mandou mensagem pelo celular para eles. O único que não sabia ainda era Pedro. Júlia preferiu contar para o amigo no ônibus quando estivessem indo para casa e pediu para que Robson não falasse nada antes.

Ao pegar o ônibus, Pedro sentado ao lado de Júlia disse:

– Você viu que o diretor foi às turmas falar das formaturas? Está chegando a hora, Júlia...

E antes que a menina lhe contasse, seu amigo de todas as horas, perguntou:

– Júlia, perdão. Até a hora do almoço eu fui algumas vezes ao laboratório de informática vigiar o site para ver o resultado do

prêmio de empreendedorismo, mas não tinha saído. Será que não saiu mesmo ainda não?

– Pedrinho! O diretor foi à turma dar o recado da formatura e falou para todo mundo: Ganhei!!! Meu projeto foi premiado, amigo. Vou estudar no Canadá.

Pedro instantaneamente com lágrimas nos olhos disse:

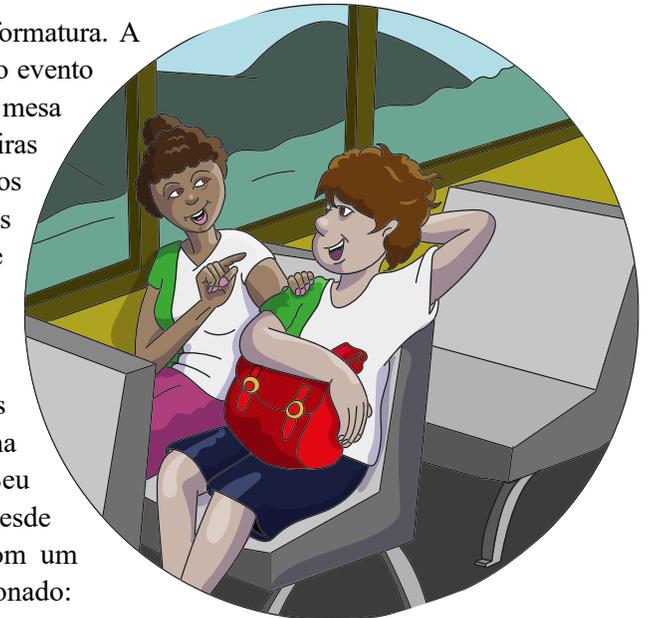
– Desde que estudávamos na escola municipal lá no ensino fundamental eu sabia que você iria longe. É incrível ver isso acontecer diante dos nossos olhos. Tenho muito orgulho de fazer parte da sua vida, Júlia.

Júlia comovida com tamanha expressividade nas palavras do grande amigo, com o olhar cheio de ternura e mais lágrimas, deu-lhe um abraço apertado. Naquele momento, Pedro sentiu seu coração batendo acelerado. Aquele abraço era mágico para ele. Foram alguns segundos que ele queria que não acabassem. Aquela sensação o desligava da realidade e o levava a um lugar desconhecido. Sem palavras para narrar. Depois daquele momento, Pedro carinhosamente complementou:

– Ano que vem não estarei mais com você na volta para casa. Também não estarei nos mesmos corredores. Não será mais com você que vou gastar minhas moedas preciosas guardadas durante um mês inteiro para um cachorro-quente na praça. Você também não será mais a pessoa que poderei encontrar para desabafar da enchente ou dos problemas da escola, mas será sempre a pessoa que terei muito orgulho e que sempre estará em meus pensamentos e orações. Fique bem Júlia. Não esqueça desse Pedrinho cheio de dificuldades que você conheceu no ensino fundamental, pois eu nunca esquecerei a Júlia que me motivou a chegar no Instituto Federal, acreditar em mim e a sonhar. Não estarei no seu dia a dia, mas você nunca deixará de estar nos meus melhores sonhos.

As lágrimas dos dois não paravam de cair. Faziam um trajeto em seus rostos. Era um dia inesquecível para eles.

E chegou o grande dia da formatura. A quadra estava adaptada para o evento tão esperado. Luzes, flores, mesa solene, um grande palco, cadeiras para a plateia. Os alunos usavam becas acompanhadas de cabelos arrumados e seus melhores perfumes. Os familiares iam chegando.



Lá na frente estavam os pais de Pedro. Seu João, Dona Helena e o irmão Paulo. Seu João, com o terno guardado desde a época do casamento e com um olhar encantado falou emocionado:

– Que escola linda, Helena! Não tive a chance de estudar, mas agradeço a você por ter dado força a nossos filhos para quererem estudar.

Após a entrada calorosa dos formandos, os discursos começavam. Um deles era a homenagem aos amigos. Aquela seria talvez a última vez que Lia e Lucas cantariam juntos na escola. E não foi diferente. Quando Lucas e seu talento incrível com o dedilhar das cordas iniciou, a plateia se envolveu mais uma vez. A voz de Lia que integrava o dueto mais querido da escola trouxe ainda mais emoção.

Logo a formatura acabou. Robson carinhosamente chamou os professores de Educação Física que tanto o ajudaram e deu uma simples lembrança dizendo:

– Nunca esquecerei o que fizeram por mim. Com vocês aprendi muito no esporte e levarei para a minha vida. Como devem estar sabendo, passei para um processo seletivo de um emprego que mudará a minha vida e da minha família. E conquistei minha vaga desempatando com um outro candidato justamente na dinâmica de grupo. E foi graças ao espírito de

equipe que aprendi com vocês no esporte que ingressarei no mundo do trabalho. Nunca vou esquecer do Instituto Federal. Meu muito obrigado, professores!

E as emoções não cessavam. Ao final da formatura, o quinteto de amigos se abraçou formando uma pequena roda. Ali, Júlia disse:

– Eu não sei os caminhos que cada um de nós irá trilhar, mas tenham a certeza de que ter vivido parte da minha história com vocês nesses últimos anos foi um grande presente que levarei comigo para onde for. Amo vocês. E isso ninguém mudará em mim.

E dali os jovens seguiram. Cada um o seu caminho.

Era fevereiro. Pedro gritando chamou a mãe:

– Mãe, mãe! Passei! Vou fazer Engenharia Mecânica! Vou continuar no Instituto Federal só que dessa vez em outra cidade. Passei mãe! Você terá um filho Engenheiro.

Dona Helena o abraçou fortemente. Seu João estava tomando banho e Paulo estava na praça. Duque, o companheiro fiel, vendo aquela alegria toda se entrelaçou nas pernas de Pedro que logo retribuiu com um carinho na barriga.

– É Duque... a história continua. Vamos ficar um pouco mais distantes...

E ali começou uma outra batalha para Pedro. Como seria estudar numa outra cidade que não dava para voltar para casa durante a semana? Apesar de continuar em outro campus do Instituto Federal, como custear as despesas de morar fora de casa? Mas uma coisa Pedro aprendeu: viver um dia de cada vez, ter fé e lutar pelo que acreditava.

Lucas também continuou no Instituto Federal e passou para um curso que ficava no mesmo campus que Pedro. Ia cursar Licenciatura em Música.

– Sério, Lucas? Você também passou? Cara, podemos arrumar um mesmo lugar para morar e dividirmos as despesas, hein?

– Sim, Pedro. Vamos começar a pesquisar. Semana que vem vamos fazer nossa matrícula e já damos uma procurada em moradias.

Os meninos se matricularam. A moradia mais barata que encontraram ficava um pouco longe do campus em que iam estudar, mas eles dariam um jeito.

Em casa estavam jantando os pais de Pedro e seu irmão Paulo, quando seu João com um semblante triste falou:

– Filho, como vamos fazer para mantê-lo estudando fora? Quero muito que você vire Engenheiro, mas não posso ajudar. Na última enchente perdemos muita coisa. O pouco que poderia juntar para ajudá-lo se foi com os prejuízos. Não sei o que faremos Helena para esse menino ir para outra cidade.

– João, combinei com Pedro que farei broas de milho para ele vender. Todo início de semana daremos um jeito, nem que seja pegando carona para fazer essas broas chegarem a ele. Tenho certeza que na faculdade ele vai conseguir vender. As pessoas de lá não conhecem a broa de Dona Helena. O que acha, filho?

– Acho ótimo, mãe! O importante é começar. Não quero dar esse trabalho para senhora sempre, mas é uma ótima ideia. O curso de Engenharia é bem puxado, mas quando eu me adaptar vou começar a procurar algum emprego por lá, afinal tenho meu curso técnico em meio ambiente que pode muito me ajudar.

Depois discretamente, Pedro contou para a mãe que Seu Jaime do supermercado soube que ia se mudar. Ele e sua esposa emprestaram a Pedro um dinheiro que dava para pagar duas contas de aluguel. Era o que Pedro precisava para dar início ao curso de Engenharia.

E assim foi. Logo o menino conseguiu uma bolsa de iniciação científica que o ajudava muito a bancar parte dos gastos que tinha.

Um sábado à noite estudando em casa, Pedro na mesinha improvisada da sala, coberta de contas que ocupavam mais de duas folhas de papel, pensou respirando fundo:

– Meu Deus! Como é difícil fazer esse curso. Me ajude, não quero desistir.

VERTICALIZAÇÃO
A verticalização dos cursos do IFF – desde a formação inicial e continuada, passando pelo técnico, graduação até a pós-graduação – tem como objetivo a preparação de profissionais qualificados tanto pelo conhecimento teórico quanto pela forma de abordagem das questões tecnológicas.

E os estudos adentravam às madrugadas. Eram horas, muitas horas. Um alívio vinha quando um amigo de faculdade o chamava para estudar num domingo em grupo. Ali, Pedro matava um pouco da saudade de sua família almoçando com eles. Durante aqueles almoços que separavam os longos períodos de estudo, Pedro sempre contava como era sua vida na roça e um pouco da história de seus familiares. Naqueles almoços Duque também era lembrado, pois seu amigo também tinha um cachorro muito adorável.

Para economizar uns trocados, Pedro só conseguia ir para casa uma vez a cada três meses. Era realmente um grande sacrifício, mas toda vez que pensava em desistir lembrava dos problemas da

enchente que queria resolver. Na cabeça de Pedro, **após cursar Engenharia Mecânica, faria Mestrado e Doutorado** na área ambiental e juntando seu conhecimento de Engenharia elaboraria um projeto que ajudaria sua cidade.

E como uma bênção divina, no terceiro ano dos cinco necessários ao curso superior, Pedro passou em um processo de seleção que previa uma carga horária de meio expediente trabalhando como técnico em Meio Ambiente. Era o respiro que precisava para conseguir terminar o curso.



– Mãe! Está me ouvindo? Sua voz está distante...

– Oi, filho! Que saudade! – Disse Dona Helena.

– Mãe, tenho uma excelente notícia. Arrumei um emprego aqui como técnico em meio ambiente. O salário não é tão alto, mas conseguirei pagar minhas despesas e enviar um trocado para ajudar vocês.

– Não acredito, filho! Que coisa maravilhosa!

– Sim. Maravilhoso mesmo. A partir de agora a senhora não precisa mandar mais as broas de milho para eu vender. O pessoal aqui sentirá falta, mas sei que para me mandar as broas fresquinhas, a senhora trabalha de madrugada. Pode voltar a ter seu sono.

E com todo um histórico de sacrifícios, dia a dia, passo a passo, Pedro conseguiu concluir seu curso de Engenharia.

Seis anos após a formatura em Engenharia, Pedro foi convidado a ir à sua cidade de origem para uma homenagem que ocorreria num dia de sábado junto a um Concerto de Natal.

A praça que antes era o lugar preferido para os hot dogs de Pedro, agora estava coberta de luzes, enfeites de Natal e um grande palanque para a orquestra.

– Nossa, eu sabia que haveria homenagens hoje, mas não imaginava um evento tão grande. Tem muitos carros de fora também. Olha quantas cadeiras estão naquele palanque. A orquestra é gigante.

E o cerimonialista com sua voz de locutor começou:

– Nossa cidade está fazendo 50 anos. E para marcar essa data tão especial começaremos nossas homenagens a pessoas que marcaram nossa história. A primeira homenagem é para...

E continuou:

– A segunda homenagem vai para um rapaz filho da nossa terra. Filho de agricultor. Garoto simples. Gente da gente. Seu currículo diz que tem formação em Técnico em Meio Ambiente, é Engenheiro Mecânico, tem Mestrado e Doutorado em Engenharia Ambiental. Todos esses cursos feitos no Instituto Federal. Nosso querido Pedro, filho de Seu João e Dona Helena, hoje Dr. Pedro. A homenagem é porque por meio de um trabalho que é fruto de sua tese de Doutorado, em parceria com o poder público, a iniciativa privada e o Polo de Inovação do mesmo Instituto, foi realizado um grande estudo nas causas das enchentes de nossa cidade e com um projeto inovador que envolve diferentes áreas de Engenharia, Computação e Meio Ambiente. Com a pesquisa, nossa cidade passou pelo último mês de janeiro com grandes volumes de chuva sem registros de alagamentos. O sistema de drenagem inteligente e as ações de conservação ambiental deram uma nova cara para a nossa cidade nos meses mais chuvosos, por isso, Pedro, suba ao palco e receba de nós essa honraria pelo que fez por nossa comunidade.

Pedro, vermelho como nunca, tímido como sempre recebeu a justa homenagem após um grande trabalho realizado. Era um capítulo feliz de sua história após tantos e tantos anos de sacrifícios e renúncias. Após as homenagens, o cerimonialista anunciou o grande concerto de Natal:

– E agora para fechar nossa noite especial, vamos receber uma orquestra que tem despontado em todo o Brasil nos últimos dois anos. A orquestra além de tocar grandes sucessos, foi recentemente premiada no Festival Internacional de Orquestras de Cordas que acontece na Europa. Com vocês, o Maestro Lucas Tinoco e seus músicos da Orquestra Visão do Amanhã.

Pedro admirado falou com sua mãe:

– Mãe, não posso acreditar! Por que não me contaram antes? Essa orquestra é regida pelo Lucas, meu colega de escola e companheiro de república da época da faculdade. Não posso acreditar nisso.

E com os acordes mais bonitos de uma sinfonia de encantos, as

músicas regidas por Lucas tomaram conta daquela praça. Por meio da música, agricultores, trabalhadores, empresários, pobres, ricos, negros, brancos se tornaram um único coro. Lindo. Emocionante.

Ao finalizar aquele momento musical indescritível, Pedro foi ao fundo do palanque esperar reencontrar seu grande amigo seis anos depois. Antes, porém esperou por um rapaz alto que estava falando com Lucas. Pedro parecia reconhecer aquele rosto de algum lugar, mas sua memória não conseguiu identificar ao certo de onde era.

– Olá, maestro Lucas, você proporcionou à nossa cidade um lindo espetáculo. Você não pode me ver, mas não poderia ir embora sem vir aqui falar com você. Você não me conhece, mas certamente lembra do único dia que nos falamos.



Lucas apenas disse:

– Sua voz não é estranha, mas em meio a todas as falas aqui não reconheço. Me desculpe...

– Então, um dos maiores erros da minha vida eu cometi com você.

Imediatamente, lágrimas escorreram dos olhos de Lucas ao lembrar aquela voz.

– Naquele dia, na Exposição Nacional da Rede Federal eu tive a infelicidade de julgar você. Fui preconceituoso, desrespeitoso. Coincidentemente vim passar o Natal aqui na casa dos meus avós. Quando vi que era um Maestro negro de nome Lucas Tinoco, instantaneamente lembrei daquele dia quando o professor disse seu nome. Reconheci que era você. Então gostaria de saber se você aceita meu sincero e envergonhado pedido de desculpas.

Lucas sempre muito educado e bastante comovido com aquela situação, aceitou o pedido, sorriu e ainda disse:

– Fico muito feliz por esse momento. Tenha certeza que é tão comovente para mim quanto às músicas que acabamos de tocar. Muito obrigado. Sinta-se perdoado.

O homem deu um aperto de mão e se retirou com um sorriso aliviado. Pedro, em seguida, apenas disse:

– Salve Lucas dos dedos mágicos que dedilham...

– Pedrão, é você? Vi que foi homenageado, mas eu estava nos bastidores com a orquestra. Realizou seu sonho, amigo! Que orgulho de você!

– Sim, meu amigo! Eu também fiquei muito feliz em saber que você era o regente do concerto de hoje.

– Cara, esse projeto foi longe. Vivo disso. Tocamos em vários lugares do Brasil e além de manter os gastos para que a orquestra funcione, parte do que arrecadamos é usado em projetos de ensino de música nas comunidades. Lia trabalha comigo. Está muito bem também. É professora de música em dois projetos... Não veio hoje porque estava gripada. Ela faz até hoje os duetos comigo.

– Que legal! Temos que marcar um reencontro do nosso quinteto. Bom rever você. Vou lá porque ter amigo famoso é assim, olha a fila de pessoas para cumprimentá-lo...

Ao sair dali Pedro olhou para a carrocinha de cachorro-quente. Quase doze anos depois, ela continuava lá, com o mesmo cheiro maravilhoso de sempre.

Distraído olhando aquela pracinha toda enfeitada de Natal e embarcado de lembranças boas de um passado tão bom acabou esbarrando em uma moça.

– Opa, me desculpe! Disse Pedro pegando uma pequena bolsa que derrubou no chão.

Ao levantar, como num filme, mas que ali era fato real, o olhar de Pedro encontrou com aquele rosto que nunca esqueceu. Era ela, Júlia com aquele mesmo olhar de quinze anos atrás quando ainda estavam no ensino fundamental.

– Pedrinho, é você? Nossa, vim passar o Natal com os meus pais. Ainda estou no Canadá. Tão bom reencontrar você. Me dê um abraço...

– Júlia, eu nem tenho palavras. Nem sei o que dizer... Nossa, Júlia! Estou com a carteira da minha mãe com os documentos dela. Ia te chamar para comer um cachorro-quente e sabermos das novidades, mas vou precisar dar uma chegadinha lá em casa.

– Ué, Pedrinho, já fiz tantas vezes esse caminho com você, posso ir até lá e vamos conversando. É tanta conversa que

podemos ir e voltar para comer o cachorro-quente. Estou de carro, mas se quiser vamos a pé mesmo.

Pedro com um sorriso diferente que não expressava há tempo, disse:

– Claro que topo! Vamos a pé então...

E os dois foram por aquele caminho feito há tantos anos atrás. Júlia disse ter chegado ao final do concerto, mas soube que Pedro foi homenageado. Após contar o tema de sua tese que ajudou a mudar a realidade daquela região, Pedro acrescentou:

– Sabe onde trabalho hoje?

– Não... em alguma empresa de engenharia? Perguntou, Júlia.

– Não, não... escolhi ser professor. Hoje dou aula no nosso querido Instituto Federal. Quando estava no primeiro ano do Doutorado fiz concurso pra lá. E consegui. Comecei em outro campus, logo depois consegui uma transferência e dou aula exatamente no mesmo campus que estudamos. Hoje vejo Júlias, Pedros, Lucas, Lias e Robsons todos os dias trazendo nas mochilas os mesmos anseios que nós carregávamos. E por falar em Robson, cadê ele?

– Que notícia excelente, Pedro! Então, eu logo depois do ensino médio fui passar aquele mês no Canadá em função do prêmio de empreendedorismo. Robson começou a trabalhar naquela grande empresa. Eu gostei muito do Canadá e lá, graças ao projeto que desenvolvi me motivaram fazer a faculdade por lá. Fiz. Meus negócios se ampliaram. Hoje cuido de uma franquia que lida com comércio eletrônico. É praticamente tudo on-line. A ideia é motivar pequenos negócios a usarem a grande rede para expandirem suas vendas. Eu e Robson ficamos juntos por mais dois anos, mas percebemos que para aquele momento de nossas vidas era muito complicado manter nosso namoro.

Pedro se esforçando ao máximo para ser discreto com o que sentiu diante daquela notícia, perguntou:

– Mas mesmo separados, você tem notícias dele?

Júlia disse:

– Tenho sim. Tenho contato com toda a família dele. Naqueles primeiros anos, com o conhecimento do curso técnico de administração elaboramos, em conjunto com os pais dele, um plano de negócios para melhorar a pastelaria que tinham na barraca da praia. Os pais, muito esforçados, fizeram um curso de curta duração de gastronomia num Instituto Federal que fica na região litorânea. O curso os motivou ainda mais e Robson com o que ganhava como técnico em eletrotécnica foi fazendo economias e a família ampliou o negócio. Hoje Robson é gerente da empresa em que trabalha e a família dele se mudou para a praia em definitivo. A barraquinha de pastel com caldo de cana deu lugar a um restaurante que é um dos mais procurados na região. Robson está noivo. Da última vez que falei com ele, me disse que chamaria todos nós para o casamento dele previsto para ano que vem.

Naquele momento os dois se aproximaram da casa de Pedro que avisou:

– Chegamos!

Júlia disse:

– Nossa, não reconheci. Já chegamos?

– Sim. Dei uma boa reformada na casa dos meus pais. Hoje meu pai tem um bom maquinário e algumas pessoas que nos ajudam a cuidar da plantação. Vivo brincando de inventor e criando pequenos dispositivos que os ajudam na roça.

– Caramba! A casa de vocês está toda novinha. Que bacana, Pedrinho!

– Bonita, né? Vem amanhã aqui nos visitar. De dia mostro a você toda a reforma com calma. Vou ali dentro deixar a carteira

de mamãe. Só não a convido para entrar agora, pois quero ver você de novo amanhã... Um minutinho que já volto.

Alguns instantes depois, Pedro voltou.

– Mas Júlia, você vai continuar morando no Canadá? Ficaré até quando por aqui?



– Olha, meus planos iniciais eram de ficar por lá, apesar de que estou com muita saudade do Brasil. Foi muito bom tudo que vivi lá. Cresci muito. Mas minha terra é aqui. Estou avaliando as oportunidades para voltar... Gente, aquele ali é o Duque?

Pedro sorriu e respondeu:

– Sim é ele. Está velhinho, né? Tem 16 anos, Júlia. Não tem a mesma sagacidade de antes, mas é aquele mesmo fanfarrãozinho amoroso de sempre. Mas voltando à sua avaliação de oportunidades para voltar ao Brasil... Os seus negócios lhe permitem trabalhar daqui do Brasil ou teria que recomençar?

– Olha... daria um pouco de trabalho nos primeiros dois anos, mas por ter o foco em serviços on-line, é bem possível sim.

– Mas quando você fala de avaliar oportunidades para voltar, você consideraria que aqui no Brasil teria a chance de sempre saborear o melhor hot dog do mundo na hora em que você quisesse?

Naquele momento o coração de Pedro se assemelhava ao daquele adolescente de anos e anos atrás. O coração disparava tão rapidamente que parecia sair pela boca. Júlia disse:

– Acho que não. Quer dizer, ao menos que eu tivesse certeza que nunca iria ao hot dog sozinha e que um professor Doutor do Instituto Federal, tímido e vermelho se dispusesse a sempre ir comigo, começando a partir de agora...

Duque, como nos velhos tempos, porém vagarosamente, se achegou e deitou com a barriga para cima sobre os dois pares de pés que estavam bem próximos. Na verdade, ele sabia reconhecer como nunca, os dias mais felizes que seu dono vivia.



Tipologia Serifa Std (Títulos)
Times New Roman (Miolo)
Swiss721 (Notas)

Formato 16 x 23 cm

A autora

Michelle Freitas nasceu em Campos dos Goytacazes, é ex-aluna do Instituto Federal Fluminense, onde fez seu curso técnico em Informática.

É graduada em Ciência da Computação e tem Mestrado em Engenharia de Produção. Michelle é

professora do IFF, onde foi coordenadora de curso, diretora de apoio ao ensino e diretora-geral no Campus Itaperuna. Gosta de escrever desde criança, quando aproveitava as férias de verão para criar histórias usando uma antiga máquina de escrever, motivada pelas redações que fazia no Externato Paulo VI. Acredita que a escola é lugar de oportunidades, desafios e sonhos. O livro “A Melhor Companhia” representa um desses desafios na realização do sonho de publicar seu primeiro livro e por meio da obra divulgar as grandes oportunidades que os Institutos Federais proporcionam.

